FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTOS DE LETRAS

" ETERNAMENTE VILA GUAPORÉ "

JOSÉ NOGUEIRA DE MENEZES FILHO

5910

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5910
Data 26 / 01 / 00

PONTES E LACERDA,NOVEMBRO DE 1999

" ETERNAMENTE VILA GUAPORÉ "

POR

JOSÉ NOGUEIRA DE MENEZES FILHO

Ensaio monográfico apresentado ao Curso de Graduação em Letras da UNEMAT-MT, com Licenciatura Plena em Letras.

PONTES E LACERDA, NOVEMBRO DE 1999

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!"
(Castro Alves)

Aos professores e em especial Marlene Flores e ao amigo Heitor Marcos Kirsch, que acompanhou-me e apoiou-me na etapa final.

Agradecimentos

Agradeço a Deus , que permitiu a mim força e sabedoria no meu caminho... a minha família que acompanhou-me com grande compreensão.

SUMÁRIO

Apresentação..... 08
Quadro Teórico..... 10
Fundamentos Históricos..... 18
Análise "Eternamente Vila Guaporé"..... 24
Conclusão..... 37
Bibliografia.,..... 39
Anexos..... 40

APRESENTAÇÃO

Moro em Pontes e Lacerda há mais de vinte anos e a partir do processo de constituição do município e em especial o que deu origem ao nome do primeiro bairro conhecido como " Vila dos Pretos " é que inicio este trabalho de pesquisa.

Muito me interessa entender o porquê dessa denominação, uma vez que o nome é "Vila Guaporé". Como morador antigo do município de Pontes e Lacerda vivenciei grande parte desse processo e agora busco compreender o nome "Vila dos Pretos". Os sentidos que daí, podem ser percebidos através da formação discursiva ideológica dominante e também a opinião. da classe, toda como dominada e seu descontentamento diante da situação.

Através desta pesquisa trago à tona parte da história de nossa cidade, esclarecendo alguns pontos dessa história ainda desconhecidos. Especialmente em relação aos primeiros moradores – os negros que sofreram a discriminação devido a sua cor. Assim posso dizer que minha pesquisa aborda um tema de relevância social, uma vez que é direito do cidadão

conhecer os processos históricos que deram origem à situação em que hoje vivência.

Outro ponto que exponho aqui e que além de morar em Pontes e Lacerda há muito tempo, resido no bairro que é o nome de minha pesquisa. Sendo assim, sinto-me motivado no desenvolvimento deste trabalho. Busco sobretudo a compreensão dos processos de significação que deram origem ao nome "Vila dos Pretos" a primeira zona habitada em Pontes e Lacerda.

QUADRO TEÓRICO

Para realização de minha pesquisa buscarei fundamentação teórica nas áreas de conhecimento que se fundamentam em base sócio-histórica.

Partirei da leitura de texto, os quais citarei aqui à titulo de esclarecimento. Iniciando pela abordagem do texto "A Interação social: Perspectiva Sócio-histórico" de Angel Pino e continuando com "Unidade e Dispersão; Uma questão do texto e do sujeitos trechos da . p. 53 a 58; também "O Inteligível, O Interpretável, e o compreensível " trecho – Formação discursiva, pré construída e referencialidade – Discurso e Leitura Eni P. Orlandi; A obra "O que é ideologia?" Marelena Chaui; e o texto "A Boa Nova da Memória anunciada: O Discurso Fundador da Afirmação do Negro no Brasil "de Pedro de Souza.

"...O sujeito humano é uma constante construção – no sentido de estar sendo constantemente construído - que tem lugar na relação permanente com os outros sujeitos, a qual se dá, fundamentalmente, através da linguagem" (Pino – p.57 1991)

Pino traça um quadro das diferentes relações entre indivíduo e meio. De um lado há as teorias que abordam a questão da interação social numa

perspectiva naturalista – positivista, de outro, há em fase da teoria sócio – histórica, expondo os seus principais pressuposto . Assim, conduz ao leitor a observar que a interação social não está somente estabelecida num espaço físico ou biológico, mas representa um mundo constante de transformações, tendo como elemento principal o homem, ser que graça ao poder de transformação cria um espaço de significações não encontrado no mundo natural.

"...A interação social é a condição permanente de existência do sujeito, a qual se concretiza numa constante relação com os outros. A interação social, como sinônimo de intersubjetividade e não de qualquer outra modalidade relacional, constitui o próprio modo de ser social do homem, a expressão da sua natureza e origens sociais"(Pino – p.57).

Para a Análise do Discurso o eu e o tu "... São construção discursiva com seus efeitos de caráter ideológica" (Orlandi p. 54 1993) : Não é qualquer texto que é discurso "... é uma pratica; para se encontrar sua regularidade não se analisa seus produtos, mas os seus processos de produção." (Orlandi p. 55 1993).

A análise do discurso considera sujeito, ideologia e discurso como um processo histórico – social. Para tanto distingue contexto de enunciação e o contexto histórico. "... Sentido estrito (ou circunstância de

enunciação) e sentido amplo (ou contexto sócio histórico) – (p. 106). Este contexto sócio histórico abriga o processo da formação discursiva em que eles (sujeito, ideal e discursiva) se constituem. Porque "As palavras recebem, pois, seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas". (p. 58).

Ou seja, o sujeito pode alterar sua posição no decorrer do discurso ou noutro discurso, dependendo da formação ideológica requisitada. Isto é formação discursiva.

" A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (...) determinar o que pode e deve ser dito (...) a formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece..." (Orlandi p. 58 1996).

Assim o sujeito só é reconhecido a partir das suas formações discursiva. Essas posições gera efeitos de sentidos, podendo ser ideológico. "As formações discursiva representa, (...) As formações ideológica que lhe correspondem (...) lugar da construção do sentido." (Orlandi p. 108). Quando é desconsiderada a situação enunciada ou da enunciação, não é contemplada as formações discursivas, dando a idéia de sujeito, sem o ser. Sendo na verdade um *asujeitamento*. "... O sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz e do que lê. (Orlandi p.11 1993)

Há sempre uma ideologia entremeando o discurso do sujeito, desviando as formações discursivas de seu sentido real. Assim "Os sentidos são muitos, mas há sempre um enunciável (...) exterior e pré-existente, e é a partir dele que, como cada um pode intervir "(Orlandi p. 112 1996)

O processo histórico-social também e observado por Chauí que define a ideologia segundo os conceitos de Marx e Engels a partir da teoria materialistas.

Esclarece inicialmente os primeiros conceitos com a teoria do movimento e o aspecto histórico do termo. Só então chega a concepção Marxista, a partir da analise d'O Capital. Ele retrata a situação do poder e não poder. A ideologia aparece como um mascaramento da realidade beneficiando a classe dominante que produz a alienação facilitando o processo ideológico.

A ideologia acontece porque a classe dominante ao invés de contar/retratar a sua história real, inventa outra, levando a classe dominada a aceitá-la como real e verdadeira. Separa teoria e pratica embora elas devessem estar ligadas. A teoria deve justificar a prática que por sua vez deve fundamentar-se na teoria. A teoria aparece como um fato isolado da prática da ação dos homens.

Consequentemente essa visão da teoria apresenta retratos parciais da história, pois é apresentado somente a finalidade segundo a visão dominante

movimento histórico e dialético.

Por isso "A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade, e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida.

(...)

A ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classe sociais, se tornam idéias dominantes. (Chauí – p. 92 1994).

A ideologia se dá como inversão da realidade e nesse sentido podemos observar a questão do negro no Brasil sob a visão de Pedro de Souza. Eles defende em seu texto a não possibilidade deles. A fim de registrar a verdadeira história e a não-aceitação da história registrada pelos brancos a partir de suas visões. Analisa o Manifesto do Dia Nacional da Consciência Negra, onde o negro afirma-se como sujeito, sugerindo o reconhecimento do preconceito sofrido no registro da história nacional.

Souza pode observar na análise do primeiro trecho do manifesto do Dia Nacional da Consciência Negra – Dia 20 de novembro – que os negros não reverenciam o dia 13 de maio, e sim a data por eles estabelecida. Pois nesta data eles reivindicam seus direitos e posicionam em relação a cultura

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

escravagista. O próprio discurso do Manifesto esta carregado de significações, identificadas através do interdiscurso e introdiscurso.

Dentro da perspectiva da heterogeneidade constitutiva, ... o fenômeno discursivo da representação da exterioridade que se faz o discurso no interior, de si mesmo. Assim é que podemos dizer que os enunciados assertivos aos quais chegamos por uma operação lingüistica de transformação sobre as estruturas denominação ocorrentes no recorte do manifesto em análise revelam o plano exterior deste discurso, na medida em que denunciam o ponto de não coincidência de campos discursivos (os da libertação dos negros em 13 de maio e os dos enunciados que postulam a libertação em 20 de novembro) ." (Souza, p. 64 1993)

A constatação do desvio na historização dos fatos remete à identificação da ideologia que mascara e desvia a visão de real para única e verdadeira. Promovendo desta forma um esquecimento da posição e as formações discursivas do sujeito.

Partindo dessas concepções de homem e sociedade e que me sustentarei no decorrer da análise. Pois para o homem apresentar-se como sujeito num discurso com determinada postura ideológica é possível por estar inserido numa sociedade.

Sem ela, a situação não seria possível. Esta sociedade, por sua vez, só se mantém porque os homens não se realizam isolados, sem a participação de seu semelhante. Desta relação entre os homens origina a história, que explicito o processo dessa relação.

Neste sentido a fundamentação teórica citada se faz necessário, pois permitirá a análise do processo histórico e social dos homens da comunidade em análise.

Fundamentos Históricos

Esse relato será baseado nas entrevistas anexadas ao projeto. Segundo entrevista com Dona Maria, a cidade de Pontes e Lacerda surgiu da necessidade de um posto telégrafo entre Vila Bela e Cáceres.

Ela conta que veio de Vila Bela da Santíssima Trindade em 1945 aos 16 anos de idade, acompanhando o marido, também de Vila Bela que fora nomeado para trabalhar no correio daqui, veio para ajudar o Sr. Antonio Colombo Coleto da Cunha que substituía o morcista Carlos Pereira que abandonou o posto após os índios terem matado sua mulher. O posto ficou abandonado por algum tempo.

Então foi designado o Sr. Antonio Colombo para o posto telégrafo. Nesta época os índios atacavam muito e as pessoas aqui tinham muito medo, então pediram reforços e vieram para a localidade o Sr. Benedito Francisco da Silva e Dona Maria .

Sr. Antonio Colombo continuou sendo o encarregado da estação do correio e telégrafo . Quando o Sr. Benedito chegou aqui só havia sertão e a casa dos correio, umas cinco vacas e um touro de propriedade do Sr. Antonio e nada mais. Os índios eram muitos e sempre atacavam, dona Maria relata que muitas vezes, quando acompanhava o marido nas expedições de reparos nos

fios dos telégrafos , ficavam com a espingarda de plantão caso aparecesse um índio, cobras ou outros bichos, pois as matas eram fechadas e virgens. Para lavar roupas ou tomar banho eram preciso que outros ficassem de plantão, pois os índios sempre rondavam. Eram preciso ter cachorros adestrados para farejar os índios e desse sinal para dona Maria e seu esposo ou até Sr Antonio Colombo refugiarem-se.

Inclusive, a capital Vila Bela foi atacada pelos índios e não resistiu, restou-se os negros antigos e valentes que impuseram contra os índios e refizeram a cidade.

O nome da cidade de Pontes e Lacerda surgiu a partir de quando os engenheiros de Marechal Rondon cruzaram por aqui medindo e assentaram um marco , após trabalho concluído , dividindo o território do Brasil com a Bolívia. No marco escreveram seus sobrenomes (Pontes e Lacerda). Esses engenheiros para realizarem suas atividades, tiveram dificuldades com os ataques dos índios, então a eles a homenagem de Pontes e Lacerda.

O Sr. Mariano Pires de Campos os acompanhavam com seus cachorros ensinados, eles farejavam os índios e davam sinal, então podia refugiar-se , por que logo vinham as flechas.

Dona Maria e Sr. Bendito aqui tiveram a sua primeira filha em 08/03/1947 e permaneceram até 1949, onde deslocaram-se para Porto

Esperidião. Nesse entremeios vieram para cá o Sr. Valentim Fernando Leite, Roseno Bispo Lino, Ancelmo Ribeiro e Emogi, isto segundo a Dona Ervelina filha mais velha de Dona Maria e a primeira pessoa a nascer nesta cidade.

Naquela época só o pau-de-arara do Sr. Airton Montex e seu motorista Acácio Coelho, transitavam nas trilhas entre Cáceres e Vila Bela com duração de no mínimo 08 (oito) dias de viagem. A dificuldade de comunicação era realmente muito difícil. Outros meios de transportes eram os cavalos, carroça ou boi-de-carro, ou então esperar o pau-de-arara mencionado acima.

O telégrafo funcionava da seguinte maneira: Vila Bela telegrafava para cá, que telegrafava para Cáceres, que telegrafava para Cuiabá, que telegrafava para o Rio de Janeiro e vice versa. Assim acontecia as notícias e a comunicação telegráfica eram em mor.

Quando o Sr. Benedito, Dona Maria e a filha Ervelina deslocavam-se para o Porto Esperidião, para assumir o Posto telégrafo de lá, deixavam aqui encarregado o Sr. Emiliano Coleto da Cunha.

Dona Maria retornou a Pontes e Lacerda em 1964, após a morte do esposo Sr. Benedito. Nesse retorno Dona Maria já encontrou aqui algumas famílias, inclusive as Azambuja e Arantes.

Sua filha a primeira Lacerdence também tem grande conhecimento da história local, tendo em vista o tamanho da cidade e ela acompanhou o desenvolvimento. Nos conta que gastava-se três dias de viagem a cavalo de Pontes e Lacerda a Cáceres. Os correios eram os que mais transitavam entre 1947 a 1960 – Arlindo Bispo de Oliveira, Paulo Ezídio Amaro e Benedito Dureza, eram as pessoas responsáveis pelas correspondências entre Vila Bela e Cáceres. Já em 1960 começou a circular outros carros por aqui, o do Sr. Zetim. Em 1962 o governador Fernando Correia da Costa, veio a Vila Bela e conheceram as dificuldades do povo e mandaram construir a estrada e dois anos depois foi inaugurada, e com isso restou na cidade os barracões da companhia do DNER que trabalhavam dia e noite para construir a estrada mencionada acima. Assim a cidade foi avolumando-se com novas famílias.

Nessa época veio para cá a professora Cirila, nossa primeira professora e ela reunia todas as crianças no barracão do DNER, todas juntas , crianças brancas e negras, não havia a discriminação social ou racial para a professora que também é negra.

A partir de 1967 é que a cidade tomou forma, depois foi construído o colégio 14 de Fevereiro *aqui em cima*, também a nova igreja, mas o movimento maior concentrava-se na Vila Guaporé, este era o nome da

cidade e a Vila Guaporé era o centro . Só depois que novos engenheiros vieram e cortaram a cidade é que tomou o nome de Pontes e Lacerda , devido a situação já esclarecida anteriormente. Na própria Vila Guaporé também tinha igreja católica e a missão cristã (evangélica) quem administrava eram os alemães Sr. Urva e Dona Cristina que também fazia o papel de médico da cidade.

A família Azambuja temos a entrevista com o Sr. Getúlio Arantes que participa do tronco desta família . Segundo ele, quando chegou em Pontes e Lacerda, encontrou aqui mata e os pretos que tomavam conta do correio (estação de correios e telégrafos) . A condução conhecida era o " moreno ", um boi preto. Naquele tempo, os pretos viviam da caça e pesca. A economia era mantida pela colheita da pecacuia e poaia na mata, que vendia em Cáceres para comprar produtos industrializados. O comprador era o Sr. Aroldo Maldonado, boliviano chefe do vice-consulado boliviano em Cáceres. O Sr. Getúlio levava e trazia os mantimentos dos negros em seu caminhão, ainda lembra que trazia muitas bebidas. Ele ressalta que foi nomeado chefe da colônia de Pontes e Lacerda pela Codemat (Companhia Corregedoras de Terras do Estado de Mato Grosso). Recebeu autorização para lançar patrimônio nesta cidade, levantou a avenida Marechal Rondon com 20m de

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

largura a 52.° L e 47 .° O e também 14 ruas a 90° dela, que ainda hoje temos.

"Eternamente Vila Guaporé"

Começo a análise a partir da entrevista com D. Maria, identificando seu discurso. A seguir analiso o discurso de Seu Getúlio Arantes em relação às pessoas que encontrou na comunidade quando chegou. Só então analiso o discurso de Arvelina filha de D. Maria, averiguando as formações discursivas dos mesmos.

Dona Maria foi a primeira negra a fixar residência na comunidade. Lembrando que a primeira mulher no local foi a esposa do morcista, Sra. Amélia, morta pelos índios. Dona Maria teve sua primeira filha e também primeira Lacerdence, Arvelina.

Dona Maria conta a sua chegada no local.

"... eu cheguei aqui, en 1945, eu tinha 16 anos, cheguei casada com meu marido aqui. Vim do antigo Mato Grosso que é Vila Bela da Santíssima Trindade, de lá que eu vin pra quando meu marido for nomeado pra sê funcionário aqui (...) ixistia a antiga estação de Marechá Rondão, ali nos Vila Guaporé, ali chamava Vila Guaporé " ... é lá embaixo ... mas depois que midiro lá que passô ficô Pontes e Lacerda..."

Usando sua simplicidade, conta sua chegada sem adulterar fatos e tentar beneficiar-se deles . Fonte valiosa. Por estar acompanhando a história

da cidade, lucidamente, no decorrer deste tempo. Ao ausentar-se da comunidade durante 14 anos, perdeu o marido e voltou junto aos seus, para criar os filhos trabalhou honestamente e realizou sua proposta, encontrou a localidade já povoada.

"Aí, já tinha arguns moradô aqui pra cima, desses pessoar di Azambuja que mandaram prá cá já morava assim sorteados arguns, mas inda não tava formado a cidade . (...) de setenta pra cá é que o povo formô, aí já foi teve colégio aqui em cima, já teve prefeitura, já foi nomeado prefeito, essas coisas, né?

Sr. Antonio Colombo, primeiro encarregado do correio Telégrafo, passou sua função ao esposo de D. Maria Sr. Benedito Francisco da Silva que ao seu lugar Emiliano Coleto da Cunha.

Quando D. Maria retornou a comunidade ele ainda era o encarregado. Estes homens exerceram posição importante na sociedade na época e não se exaltaram por causa disso, como fez outros posteriores. Suas esposas também tiveram relevante papel, também não foram exaltadas e nem se exaltam por isso. Encarando a posição de destaque com naturalidade. É fundamentalmente, a experiência de ver para contar um fato de que quem viveu este fato. Por isso Dona Maria é caríssima à história Pontes e Lacerdence. Não faz de sua vida apologia, pelo contrário nem se dá conta de

seu papel. Não que ela não o saiba, nem o valorize, mas esta não é sua preocupação. Podemos sentir uma nota de resignação quanto as atitudes brancas. Porém, Dona Maria não se queixa. Onde pode-se destacar um quê de separação e talvez discriminação é em relação ao estabelecimento das família Azambuja "já tinha arguns moradô aqui pra cima, desses pessoar dona Azambuja.

... "e em "... ali chamava Vila Guaporé, ... lá embaixo ..." A separação geográfica pode estabelecer também racial e social podem-se estabelecer a analogia da pirâmide social que é ocupada em sua base, parte baixa pela classe baixa e o topo , parte alta (superior) pela classe dominante.Já foi destacado anteriormente que a Vila Guaporé foi o berço da cidade e constituída basicamente por negros. Isso vem a justificar a ocupação física da comunidade.

O fato mulher, viúva e negra só vem a contribuir para Dona Maria não se proferi diante da sociedade.

Continuando com o quadro de análise. Dedico-me ao discurso de Sr. Getúlio Arantes, que assim conta a sua chegada a Vila de Pontes e Lacerda.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

"... o dia que eu cheguei aqui coà mudança, eles chegaro da mata, desse disero... os pretos tomavam conta do correio, do correio i da estação, é era nesse Moreno, boi pintado de preto, mal ele chegô encarreado de raiz de pecacuia e poaia, aquele tempo vivia aqui de caça e pesca e rancá puaia no mato e vendê em Cáceres"

Conta Sr. Getúlio sobre a sua chagada na comunidade.

Podemos identificar em seu discurso o preconceito quanto a cor negra. "... pretos tomavam conta do correio... " Estes tinham nomes, porém foram nomeados por sua cor. Não há identificação como pessoa, como se não tivessem nomes e nem importância quem eram estas pessoas. Estes negros eram importantes entre as pessoas da comunidades, embora o discurso de Sr. Getúlio não denote a mesma consideração. O mesmo não acontece no decorrer do discurso quando refere-se ao vice-consulado boliviano, o sr. Aroldo Maldonado. Em contrapartida não foi mencionado o nome do Sr. Emiliano Coleto da Cunha, que era o responsável pela Estação de Correio telégrafo local fora chamado de " os negros ". O fato marca preconceito racial de Sr. Getúlio. Neste momento só racial, pois na sociedade da época o Sr. Emiliano exercia importante função dentro da comunidade e ainda era funcionário do governo o que reforça sua importância. Era tido como representante do

governo mato-grossense. Mas nada disso era relevante para o Sr. Getúlio, pois a cor negra refuta as qualidades.

Quanto ao trabalho exercido pelas outras pessoas da comunidade também há preconceito. Diz o que os negros faziam como se fosse um trabalho ilícito, percebe-se uma depreciativa desse trabalho. "... vivia aqui de caça e pesca e rancá puaia na mata... ". Como se os negros fossem preguiçosos por não cultivar culturas conhecidas do Sr Getúlio . Estabelece a mesma relação com os índios que foram rotulados de preguiçosos por não cultivarem as culturas portuguesas. Os índios também viviam do que a natureza oferecia. Não faz menção a dificuldade de transporte para exportar a produção. Fato que desistimulava os negros para o cultivo. Nem a não-necessidade de acumulação de bens. O que para os brancos é um gesto pouco inteligente. A história nos conta que este é o maior interesse branco. Os negros foram desconsiderados devido a sua origem negra e escrava, além da semelhança indígena. Isto além de preconceito racial é também social. Na divisão de classe, geralmente os brancos ocupam o topo da divisão. Os negros e índios a sua base.

Sr, Getúlio na sua condição de branco, traz consigo seu preconceito e sua ideologias, formadas por seu processo histórico e social. Assemelham-se dessa forma aos bandeirantes portugueses em suas atitudes e

discursos, que sentiam-se no direito e dono de tudo que nesta terra brasileira encontravam. Fazendo-se sujeito e o índio não sujeito, não dono, sem direitos.

Sobre este posicionamento do sr. Getúlio podemos destacar sobre sujeito: "... a categoria de sujeito é a categoria constitutiva de toda ideologia... A evidência de que "eu"e "tu"somos sujeitos, ... é como dissemos, um efeito ideológico "(Orlandi, 1996) Por sujeito entende-se aquele que usa suas formações discursivas em seu discurso. Neste caso, Sr. Getúlio, homem branco, influenciado pela cultura dominante (européia) que não concebe o homem negro suficiente para funções não mecânicas, seguiu a regra o preconceito racial aprendido.

Quando encontrou os negros, o sentimento de dominação apareceu. Destacou sua posição de sujeito (eu) e os negros não-sujeito (tu), relegando-os ao plano da possibilidade e assujeitamento. Promove com a atitude a ideologia. Pois são as suas formações discursivas que o permite encarar a situação assim. É ideológica porque os negros também são sujeitos (eu) e ativos na situação. É ideológica porque depende de como cada indivíduo se faz sujeito, permitindo que a mesma situação tenha várias posições.

A dominação também pode ser notada no trecho "... é trazia pra ele, eles iam comigo, aquele sacão, eu num cobrava o frete". Denota seu poder

através da doação do frete, o que comprovaria a bondade (ilusória, mascarada pela ideologia). O fato desdobra-se duas situações.

1ª A bondade símbolo de amizade. O que disfarçaria seu preconceito e sua posição de vantagem sobre os negros.

2ª A bondade símbolo de poder. Sr. Getúlio como Senhor e os negros como escravo. Ele podia doar o frete que os negros não podiam pagar. Estabelecendo igual posição de vantagem. Em qualquer uma das situações ele se caracteriza dominante.

A conotação depreciativa aos negros através da ênfase no trecho "... eles comprava açúcar , trigo, muita bebida... "Os negros primavam pela bebida, ou seja , eram bêbados. O seu discurso deixa clara sua posição de vantagem e valor em relação aos negros. Sendo, inclusive, nomeado chefe da colônia de Pontes e Lacerda. O fato reforça sua posição de sujeito de seu discursos, desmerecendo o discurso negro.

Orlandi (1996), coloca que na contradição do (eu) e do (tu) é que se faz o sujeito e as ideologias. O eu seja, quando o discurso aparece com transferência de sentido e sujeito único, está sob efeito ideológico. O discurso abriga formações discursivas que vão originar as várias posições do sujeito e não a unidade dele.

Neste sentido o Sr Getúlio em relação as citações discutidas, se faz sujeito (eu), os negros (tu) não sujeitos. Perfazendo uma situação ideológica. Demostra uma transferência de sentido e unidade de discurso e sujeito. Porém a demonstração é ilusória, pois os negros também eram sujeito e não foram considerados como tal.

Ainda sobre a posição do Sr. Getúlio , há mais esta consideração. "De acordo com a análise do discurso, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio – histórico em que as palavras são produzidas" (Orlandi, 1996). A citação encerra a esta análise feita do discurso do Sr Getúlio em relação aos negros, comprovando a hipótese do preceito racial e social e discriminatório, bem como sua posição ideológica, influenciado por suas formações discursivas e sua posição de sujeito.

O discurso da Arvelina diz mais sobre as relações sociais da comunidade.

Depois da construção da estrada em 1992- 64 facilitou a vida de mais gente para a região. Nesta época a comunidade já havia recebido mais moradores e os barracões deixado pelo DNER (DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS E RODAGENS)

abrigavam muitas famílias. Inclusive a Azambuja ocupou um deles, como conta Arvelina.

"...1964 chegou os AZAMBUJAS... a vila que eles achava por a Vila dos Pretos formada pelos barracões da DNER que eles abraço Pontes e Lacerda de unhas e dente que não foi eles que fizeram Pontes e Lacerda. O povo de Pontes e Lacerda era humilde – de cor – família boa e humilde – eles abraçaram – e eles colocaram esse apelido de Vila do Pretos, Chegaram – os pretos receberam eles muito bem."

Neste trecho Arvelina deixa claro seu descontentamento com os então os emigrantes. Ao mesmo tempo defende sua cor e sua comunidade. "O povo de Pontes e Lacerda era humilde – de cor – família boa e humilde." A palavra povo representa contigente de pessoa, no caso, os negros. A cor não lhes fazia diferença eram pessoa de bem . Pode-se registrar a não passividade dos negros perante a discriminação branca conforme Pedro de Souza defende em seu texto. "...a estratégia é transformar em mito a possibilidade dos negros e estabelecer a resistência e o ativismo dos escravos como verdade histórico." (Souza,)

Arvelina reivindicava imparcialidade histórica "...que não foi eles que fizeram Pontes e Lacerda (...) eles falam que são fundadores de Pontes e Lacerda , mas antes tem muitas pessoas aqui que são dono." Mais direcionada

ao livro escrito da cidade sem consultar todas as fontes especialmente as mais antigas . Insinuada desta forma que a cidade só existiu a partir da chegada da família Azambuja.

O que é uma inverdade.

De acordo o livro Mato Grosso e seus municípios, na década de 70 houve maior influência do governo para colonização das terras. A companhia Sul Brasil colonizou grande parte da região. Como o amparo do governo tornou-se viável mudar-se para a comunidade. O fato proporcionou as grandes levas de pessoas para a região . Dentre elas, a família Azambuja manteve na Vila, nem todos adquiriram terras. Esta família sempre preocupou em manter relações políticas o que acarretou em seu destaque. Entretanto ela não foi a única família branca que lutou defendeu Pontes e Lacerda, pode se destacar várias famílias, mas que no registro da história foram desmerecidas juntamente com os negros que acolheu de braços abertos todas essas levas, sem distinções. O mesmo não foi feito por aqueles que chegaram.

Com aumento das famílias mesmo anterior as levas brancas, houve necessidade de uma escola. Foi designada a Vilabelense D. Cirila ainda viva para ensinar à criança. As levas brancas também trouxeram seus filhos (as) que juntou as negras para estudarem e discriminarem quem os acolhem.

"Na vila dos pretos mesmo que a professora Dona Cirila tinha o barracão que dava aula ela alfabetizava os brancos que chego de lá que coloco o apelido de Vila dos Pretos..." (...)

As crianças fico assim inibidas porque quando eles saíram na rua assim que nem era rua, um pátio, as pessoas achavam graça davam risada dos negrinhos eles eram simples de calçãozinho , descalço, cabecinha de côco então como eles eram brancos davam risada e foi falando vila dos pretos – não é todo mundo que gosta que fala vila dos preto lá se chama Vila Guaporé que fica à beira do rio Guaporé, então Vila Guaporé".

Indubitável é o seu ressentimento quanto ao preconceito sofrido. Os brancos não conseguiram perceber que a diferença de cor não descaracteriza ou caracteriza como gente e ser humano. A discriminação não era disfarçada. Riam dos pretos, como se estivessem vendo palhaços sem se dar conta que a situação era a mesma às crianças negras. Elas também achavam engraçado o branco com tanta roupa no imenso calor. O fato é que a discriminação branco não permitiu a interação social que proclamaria ambos sujeitos, (branco e negro) Ao contrário, buscou para prevalecer–se sobre o negro constituindo–se ilusoriamente sujeito, como já colocado nesta analise, anteriormente "... a interação social é a condição permanente de existência do sujeito, a qual sê concretiza numa constante relação com os outros" (Pino,)

Por serem descendente de etnias diferentes, o branco primou pela manutenção da sua raça sem mistura – se a outra – negra- , promovendo na futura cidade uma separação e com isso valorização dos brancos em relação os negros. Os interesses políticos dos brancos não confirmavam o fato como os destacava. A interação social não acontecida promoveu uma sociedade discriminada e de classes. Pois com o apoio político, especialmente a família Azambuja destacou–se e consolidou–se na cidade como grupo de poder e benfeitor, relegando aos antigos moradores o segundo plano da impotência e possibilidade. Sr Getúlio foi nomeado chefe da colônia, logo após sua chagada confirmando seu poder.

No decorrer da análise podemos observar que estas foram posições ideológicas no sentido marxista do termo.

O fato de ter ficado as mulheres com os filhos ainda moço. Ana Maria, Dona Anastacia, Dona Benina, viúva respectivamente de Sr Benedito, Emiliano Coleto e Sr Atônio Colombo, não conseguiram reivindicar seus direitos, nem ao menos sua posição histórica. Pois estas mulheres, negras, nesta comunidade, de seu próprios suores sustentaram seus filhos, com dignidade e retidão moral e ética.

"A ideologia é o processo pelo qual às idéias da classe sociais..." (Chauí- 1994).

Assim pode-se definir a relação entre as famílias brancas e as negras. As brancas favorecidas por terem homens para as defenderem e disparam a frente na conquista de títulos e posição social, as família negras sem seus homens que as defenderiam não puderam participar da disputa por estarem ocupadas em educar seus filhos. Daí, aparece, em destaque os branco como se fossem os únicos a construir e resistir na cidade, defendendo uma verdade ideológica. Se fizeram sujeitos ilusoriamente por não participarem da interação social (Pino,)consequentemente não atingindo a contradição entre classes (Orlandi. 1996), e assim permanecem alheios na parcialidade dos fatos.

A discrição social pode ser constatada não somente nos discursos ora analisados mas também no mapa da fixação de residência. Como Dona Maria coloca "...já tinha alguns moradores aqui para cima, dessas pessoas do Azambuja (...ali chamava Vila Gauporé...lá em baixo...". As família branca foram fixando residência na parte alta da cidade, separando-se física e geograficamente de quem os acolheu- os negros – que continuaram com suas casas na Vila Guaporé , lá embaixo. A vila foi ficando relegada a segundo plano e posteriormente ao esquecimento e abandono até por parte da administração municipal, que deveria primar pela igualdade.

CONCLUSÃO

No decorrer desta análise pode constatar o racismo e consequentemente o preconceito social. Forte o suficiente para não permitir a interação social e racial, nem o entre cruzamento de duas culturas.

O fato permitiu e permite grandes perdas para toda a sociedade. A cidade, que hoje já estabelecida desconhece suas raízes e história inicial. Um grupo não reconhece o outro como gente fundador. Sendo que ambos o foram. Por isso a cidade não conta com cultura definida e sim grupos culturais distintos e separados.

Em minha opinião, a aproximação das duas principais culturas (negra e branca) provocaria a união em defesa da cidade. O que for registrado é contrario a esta idéia. É destacada o individualização e culto aos próprios interesses. Deixa de atender interesses públicos para dedicar-se particulares, pois só assim consegue atingir contigente. O público precisa da aval da maioria da população, mas esta não consegue unir-se devido aos preconceitos acentuados e enraizados na história local como foi descrito no decorrer desta.

A Vila Guaporé é exemplo de tal situação sendo ela o berço da cidade, está abandonada, pela administração . Somente os negros fiéis

herdeiros do local não o rejeita, nem a abandonam. Sempre com a mesma tradição acolhedora, a vila abriga os emigrantes, com simpatia e respeito. Não faz distinção ou discrimina seus moradores, embora seja bairro de gente humilde – classe social não elevada.

Como em seu princípio, não é a humildade do povo que descaracteriza a qualidade de seus moradores , mas a crédito na ideologia da superioridade da raça branca.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Jurierme de Abreu e. História do brasil para estudos sociais. 5ª Série. Ed. IBEP

CHAUI, Marilena. O que é ideologia.
Editora
Edição - 1994

FERREIRA, João Carlos Vicente. A história de Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá: Secretaria de Estado e Cultura, 1997.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Terra de pretos ; terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro: MINC/ Fundação Cultural de Palmares, 1995.

LOURO, Guarica Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista-Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª ed. 1998.

PINO, Angel. "O conceito de medição semiótica em Vigotisky e seu papel na explicação do psiquismo humano", In: CADERNO CEDES, 24, p.32-43, Campinas-SP. Papirus, 1991.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, Discurso e literatura-3 ed.-São Paulo: Cortez; Campinas,SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Coleção passando a limpo).

ORLANDI, Eni Pulcinelli, org-Discurso fundador. (A boa nova da memória anunciada: O discurso fundador da afirmação do negro no brasil, Pedro De Souza) Campinas, SP: Pontes, 1993.

ANEXOS

ANEXO 01

HISTÓRICO DE PONTES E LACERDA

Eu so de Pontes e Lacerda – VERA GLÓRIA né história que muinha mãe conta né
CARLOS PEREIRA né ele não era telefonista ele era morcista só que naquela época logo em seguida 2 anos de serviço os índios pego e matô a mulher dele que era – MARIA AMÉLIA – que fico sendo o time formado Santa Amélia mais, com a morte da mulher dele ele abandono o telefone né e levo o morci, foi embora para Campo Grande e levo o Morci e Pontes e Lacerda fico abondonada né sem morcista , sem telefonista sem nada aá sem guarda sem nada.
Tinha ANTONIO COLOMBO COLETO DA CUNHA que veio pra cá mais os índios atacavam muito ele sempre acompanhado de duas pessoas mais não era guardas fios ai ele com muito medo mando busca e vieram né e pediu reforço da Vila Bela da Santíssima Trindade que veio meu pai BENEDITO FRANCISCO DA SILVA VALENTI FERNANDO LEITE / OZENO BISPO LINO (falecido) ANCELMO RIBEIRO/ EMOJI este aí foi filho de Vila Bela como meu pai tinha a família desloco da Vila Bela em 05.02.45.
Vei pra Pontes e Lacerda
Eu fui a primeira criança que nasci aqui em Pontes e Lacerda êêê nasci aqui em Pontes e Lacerda ao 08.03.47 – a parteira que me pego tinha tanto medo de passa numa ponte, nunca tinha passado numa ponte – passo numa ponte construída pelos engenheiros de Marechal Rondon, passo de quatro pé .
- Então eu so a primeira criança de Pontes e Lacerda.
- Esse foi o começo de Pontes e Lacerda - E logo vieram outras famílias né - que pra lava ropa no rio que os de índios atacava muito – tinha qui dois guarda fios armado de 44 que é inchesti pra cuida a minha mãe e eu enquanto ela lavava a roupa por que o encarregado que era o seu ANTONIO COLOMBO tinha muito medo de índio só ficava na estação que fala agora correio que naquele tempo chamava-se estação correio de telégrafos seu ANTONIO COLOMBO não era morcista ele era telefonista já já começo

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

trabalhar com telefone encarregado de telefone chefe de sessão naquele tempo tinha chefe de sessão – isso é história i aí vieram as famílias dos guardas – ...história que a mãe sempre conta ...–
Em 40 êêê..... veio mais família.
EMILIANO COLETO DA CUNHA ca família
EMOJI cá família
ANCELMO RIBEIRO com a família - já ficava muito guarda fio e Pontes lacerda então aí ficava muito em Pontes Lacerda então já tiro meu pai pra Porto Esperidião que tinha também a estação é o é o correio - Porto Esperidião aí desloco meu pai BENEDITO FRANCISCO DA SILVA E JUVÊNCIO FRASÃO DE ALMEIDA pra Porto Esperidião.
Fico o seu ANTONIO COLOMBO como chefe de Pontes Lacerda e meu pai e Porto Esperidião
Desloco uma telefonista de Cáceres que era CELINA LEAL – nessa época eu tinha 3 anos (1950) então essas viaje era feita meu pai viajava quando acontecia um incidente do telefone não fala né meu pai viaja ele e JUVENÇO FRASÃO DE ALMEIDA viajava até de Porto Esperidião até Pontes Lacerda por dentro das matas olhando os paus que tinha caído de cima da linha prá tira pra da vós - então deslocava meu pai e JUVENCO né e daqui prá lá seu ANTONIO e mais dois guarda fios ele não viajava só cum um, só dois era 3 pessoas até que encontrava o defeito de Porto Esperidião.
Até Pontes Lacerda era 3 dias de viagem a cavalo no lombo do cavalo e naquele tempo viajava os correieros que levava correspondência era burro – carro de boi – de Pontes Lacerda à Cáceres era a correspondência que hoje viaja de ônibus – naquele tempo só viajava animais no lombo de boi era boi que carregava cangai o carroça / carro de boi / Aíií carro de boi exporta carga/
O correiero era ARLINDO BISPO DE OLIVEIRA – PAULO IZIDIO AMARO o outro correio era BENEDITO DUREZA – essas pessoas tinha muita responsabilidade de carrega essas correspondência que ia pra Cáceres, eles sofria muito era uma viagem muito sofrida de 47 até 1960 essa labuta essa luta em 1949 a gente mudo pra Porto Esperidião eu tinha dois anos – de 49 a 60

meu pai fez Porto Esperidião a Pontes Lacerda acompanhado esse chefe que era – meu pai – Benedito da Silva e o chefe dele ANTONIO COLOMBO DA CUNHA meu pai e JUVENÇO F. ALMEIDA que trabalhavam sozinho – dois funcionários que trabalhavam sozinho sempre que estavam fazendo marração no posto no trecho ele escutava – eles não largavam os cachorros adivinha – os cachorros sentiam o cheiro dos índios – Eles tinham que desce os índios era bravo mais graças a Deus nunca aconteceu nada.

Em 1960 começô o primeiro carro – pau-de-arara – não – o carro que era de AIRTON MOTEX – vinha Cáceres a Vila Bela isso era 8 dias de viaje que era um motorista muito valente – motorista muito valente de confiança .

Esse AIRTON MOTEX ele começô a vida dele muito simples na estrada ele começô 1947- mãe tava gravida quando ele sempre passava - e esse ACÁCIO COELHO era motorista, amigo pessoa valente de muita força, muita força , era um preto de muita força muito corajoso

1960 já surgiu outro carro que era Zetim ai já começô mais movimentação mais evolução nessa altura Pontes Lacerda foi aumentando crescendo vindo mais famílias.

1962 entro o governador FERNANDO CORREIA DA COSTA, conheceu, veio em Vila Bela que conheceu a dificuldade dos vilabelenses e começô a funda a estrada-------- com a companhia DNER trabalho dia e noite e 1964

1964 foi a inauguração da estrada de Cuiabá a Vila bela que tiro mais um pouco o sofrimento dessas pessoas.

- 1964 chego os AZAMBUJAS em Pontes e Lacerda – chego os AZAMBUJAS em Pontes e Lacerda - quando eles chegaram as pessoas de Pontes e Lacerda eles eram humildes eles eram pretos e humilde que eles chegaram se abraçaram Pontes Lacerda – a vila que eles acharam que eles colocaram agora Vila dos Pretos, eles acharam Vila dos Pretos formada pelos barracões da DNER que eles abraço Pontes Lacerda de unhas e dentes que não foi eles que fizeram Pontes Lacerda

O povo de Pontes Lacerda era humilde – de cor – família boa humilde - e eles abraçaram – e eles que colocaram esse apelido de Vila dos Pretos, chegaram - os pretos receberam eles muito bem.
E eles era muito estudado, conhecia terra boa foram abraçando... , pegando ..., pegando inclusive - eles conheceram o povo a humildade de pontes Lacerda.
Eles habitaram na Vila dos Pretos – eles mandô buscar família deles que tava lá em Carapó, três Lagoas in Miranda in Minas lá vieram e foram cortando estas terras e sendo dono... seno dono...
Inclusive hoje tem pessoas de Pontes Lacerda filho de Pontes Lacerda que não tem nem um lugazinho pra fazê uma casa de tão humilde que são – só que quando eles vieram de la da terra deles eles não vieram muito, eles só eram estruídos, estudados , mas ele eram ambicioneiro porque quando vieram de lá não veio de condução própria – vieram de pau-de-arara, vieram tudo misturado era cavalo gente, era cachorro, era tudo misturado quanto era coisa misturado com eles então pro pontelacerdense foi uma admiração quando eles chegam tudo misturado assim, eles era tudo misturado assim – pessoas tudo suja , não sabia toma banho,
Inclusive tinha aaaa professora Dona Cirila Francisca da Silva ela que alfabetizo essas pessoas , incentivo eles – que deu educação presas minina mas vieram esses rapazes eles nem sabia nem conversa só sabia Ter ambição da terra Pontes Lacerda - Eles, poriço que eles falam que são fundadores eles são donos, mas antes tem muitas pessoas aqui que são dono –
Aqui tinha a igreja católica – aqui tinha as missão cristã - que inclusive foi um alemão seu Urva e dono Cristina fundaram a missão cristão .
Aqui tinha muito bastante crente, bastante católico mais era tudo humilde e eles chegaram e cresceram os olhos e foram pega na terra, e foram pegá as terra dele em Pontes Lacerda que hoje em dia eles tão imbicioneiro que eles são, que já passaram muito vexame já passaram vergonha já ficaram muito humilhado mais eles não são os fundadores de Pontes Lacerda não – Aqui tem muita raiz ainda de Pontes Lacerda gente humilde.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

- Dessa imbição dessa terras que foi sendo muito falada que Pontes Lacerda se torno cidade sangrenta que eles que começaram _____

Essa imbição pegava um pedaço vendia – pegava um pedaço vendia assim eles foi esparramando isso ii começo uma cidade sangrenta.

A guerra dos Catolinos que foi uma guerra muita feia e morreu muita gente, só que morreu gente de fora os matogrossense quase não envolveu, todo mundo era pobre ficava até comedo das pessoas que viam de fora e vinham pra pega terra por que os pontelacerdense continua humilde e pobre o poquinho que eles pegaram ainda tem - eles brigavam entre eles por causa dessa terra.

- Fala mais da evolução da Vila Guaporé-
- Na Vila dos pretos mesmo que a professora dona Cirila tinha o barracão que dava aula ela alfabetizava os brancos que chego de lá que coloco o apelido de vila dos pretos e os pretos mesmo que tinha bastante preto civilizado aqui tinha bastante preto que hoje em dia trabalha em vários serviço junto com os brancos que vieram de lá pra estudar na Vila dos pretos e essa professora veio de Vila Bela , uma viúva muito sufrida mais também que foi as pessoas que deram a mão pra ela – humilde e ela é preta – Também parente de Benedito F. da Silva, meu pai, i o Antonio Colombo, o Emiliano deu muito ajuda pra ela .... iiii tem uma pessoa que eu esqueci de sita o nome dela no começo MARIANO PIOS ele veio acompanhando Marechal Rondon 1945 e eles veio com os 2 engenheiros que fez a Pontes de Pontes e Lacerda – Mariano P. de Campo é de barra do Bugre descendente de bugre índio brasileiro mais civilizado. Esse aí ajudo muito P.Lacerda um homem batalhador.
- Ele era acompanhado de engenheiro de agrimensor – Ele também criava muito cachorro e ele sabia quando os índios viam pra atacá ele avisava as pessoas, não sabia as pessoas que acompanhava não sabia quando os índios ia atacá então os cachorros que ele criava sabia quando os índios vinham atacá ele já avisava – se acomodava nas suas barracas , ninguém saía do lado de fora pra não ser frechado por índio.

- Aí aaa Vila que falam Vila dos pretos foi crescendo... foi crescendo... masi a escola veio aqui pra cima a escola 14 de Fevereiro Qui funciona pela professora Cirila, a igreja católica –lá já foi vila dos pretos o primeiro padre veio pra celebra missa – padre José , mais num foi a família dos Azambuja que foi buscar o padre que nem eles fala que foi eles que tinha uma farmácia eles montaram uma farmácia, mas o seu Urva e dona Cristina era parteira, enfermeira o seu Urva era como médico, atendia todas as pessoas – Não foi a família Azambuja igual eles fala que foi eles - foi eles que fez Pontes Lacerda – não foi eles não que fundo P.Lacerda.
- - Inclusive tem uma pessoa que escreveu o livro, pessoa que não vô sita o nome que tá tudo com mentira esse livro foi escrito tudo como mentira a pessoa que escreveu esse livro ele não pesquiso as pessoas bem antigas de P.Lacerdab ele pesquiso a família Azambuja de Pontes Lacerda, as raiz de P.Lacerda quando escuta história desse livro que ele escreveu ele lia nos rádio passava na televisão as pessoas mais de idade que conhece P.Lacerda fica com raiva não foi eles foi os negros de V. Bela que vieram de P.Lacerda que fundaram P.Lacerda.
- A minha mãe foi uma das primeiras pessoas que fundo P.Lacerda, meu pai háaaa dona Ana Maria da silva – Benedito F. da Silva ainda tem vivo dona Anastácia, tem vivo a dona Zenina tem uma professora bem mais velha do que eu já aposentada Ana Justina que conhece a história P.Lacerda.
- - Outra coisa que eles fizeram errado em P.Lacerda foi é eles desmancharam a estação, deixo as pessoas pegá o zinco o madeiramento e eles fizeram outro correio mais não no modelo do correio mas não no modelo antigo, tinha que fazê mais no mesmo modelo do primeiro nem falava correio era uma cazinha bonita – no Porto Esperidião tem, o correio do jeito que ele era Modelo da estação mais aqui em P.Lacerda as pessoas tomaram conta , vê se as pessoas fazem uma estrutura do correio feito pelo Marechal Rondon iii quando as famílias de P.Lacerda as crianças fico assim inibida por que quando eles saiam na rua assim que

nem era rua, um pátio, as pessoas achavam graça davam risada dos negrinhos eles eram simples de calçãozinho , descalço , cabecinha de coco – então cume eles eram branco davam risada e foi falando vila dos pretos – não é todo mundo que gosta que fala vila dos pretos lá se chama Vila Guaporé que fico a beira do rio Guaporé então Vila Guaporé – Não é vila dos pretos é Vila Guaporé –

- Acho que foi até a Vila Guaporé, hoje tá esquecida a Vila Guaporé tiraram a igreja, o povo é esquecido, muito difícil lembrar das raizes Assim são pessoas inteligentes pessoas humildes não liga com o sofrimento vai passando no di-a-dia.
- Agora uma coisa que eu tenho sentimentos que apesar da gente num mora muitos anos aqui mais eu tenho assim sentimento profundo porque colocaram o nome todas as pessoas que já são falecido na rua, gente que nunca fez nada tem nome aqui nas ruas e o meu pai que foi primeira pessoas que chego em P.Lacerda não tem o nome dele em luga nenhum deveria Ter que foi o primeiro pioneiro, primeiro guarda fio em P.Lacerda ele e minha mãe e eu Qua ainda tava na barriga dela.

ANEXO 02

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

3. Sr. Getúlio Arantes em 15.07.98

...Em Três Lagoas, Mato Grosso né, lá istudei em colégio graças a Deus tenho boa leitura i aproveitei o meu tempo i:: vivi muitos anos, mas quando sai do colégio tava pobre que nem tinha um tustão, quando sai di dentro da cidade com a ropa dentro dum saco nas nas costas, peguei o trem, viviajei, tá muito longe u ressaco que tem na no grande rio Verde perto de Campo Grande RIBA do Rio Pardo que é outro rio muito grande chama Varjão Largo, lá passaram quatro meses nós moramos lá, si apareceu uma viv'arma (incompreensível) criando gado, mas num era meu, eu num tinha (+) aí certa época pouco logo depois eu parti avisei o padrasto, sentei, fiz como home: eu o:: agradeço muito o sinhô, mi criô, mi zelô, mas eu trabalhei honrado para o senhor até, o senhor mi deu colégio INTERNO com todo conforto, num foi? –Foi ((mudo de voz para responder)) I eu aprendi, APROVEITEI, o aluno que mais aproveitô dentro do colégio, batí nos alunos qu'eu passei todo pra trás, tirei o primeiro lugar, e eu era um sertanejo, mas num era o sertanejo, era nascido i criado na cidade, dipois de doze ano anos eu fui vivê naquilo (incompreensível), mas aí eu sai de casa, fui pru um lugar fica perto do Rio Claro e único serviço qui tinha, eu era novo, quatorze anos, a era tirar lenha para a estrada de (incompreensível) naquele tempo inda era as Maria Fumaça, em 37, 1937, 38, logo adaptaram os motors diesel, na 625 daquele 50 e outra até a número um, motor diesel, tirmonô a lenha, num achava sirviço pra ganhar dois cruzeiro em lugar nenhum, eu arriei o cavalo i parti direto eu falei: eu vô para a divisa de Mato Grosso com Minas, lá eu vô atravessá para Minas, vou procurá um lugá i criá, se eu tenho leitura vô procurá um lugar mais disenvorlvido que tenha trabalho que tenha trabalho pro home, que tenha (+) muvimento, a gente vai vivê num lugar que tenha mais civilização, eu istudei, fiquei bastante inteligente i uai tô jogado pra cá, fui (+) único sirviço qu'eu achei foi boiadero, manei com as boiada, manei cus boiadero, aí eu manei us boiadero i mandamos pra minas, nadamos o gado (no porto a lugá) quatrocentos e vinte de largura o rio tá na ida que divide Goiás com Minas i:: Mato Grosso cum São Paulo i com Paraná i u com Paraguai, mas pra baixo eu num vô falá mais, eu sei tudo, mas não vou falar mais, viajando voltei, voltei irmanei com outro boiadeiro fui pra São Paulo, levá boi para Rio Preto, cum isto eu já tinha dinheiro, eu era ECONÔMICO, era comprei um burrinho, dei um cavalo por um burro, por um burro vorteano dinheiro, agora sô um pião baruta, é o boiadero falô: eu ti pago cinco miréis pur dia no seu burro (bateu as mãos) tá valendo, já vô (incompreensível) já era lancha do apoio, a lancha como era até hoje, a ponte está saindo lá graças a Deus. Di lá fiquei num barracão, que tinha pião de boiadero, os boiadero vendendo a boiada i tal, chegô o Levi:

-Ocês, ocês é o pião, é o matogrossense? (mudou o tom da voz)

-Oh Mato Grosso

-Mi chamo Getúlio

-Oh Mato Grosso, ocê qué i comigo pra aboiá da boi pra Barreto?

-Oh, quero, (incompreensível) o, o ocê paga bem?

-Eu pago seis me réis, dô burro gordo, dispesa de bóia, tudo a dispesa por minha conta, até o rio (Irarojira) perto da capital de São Paulo, lá tem o frigurifico (incompreensível) tem até hoje, tem a estrada vinda de São Paulo importa ali, sai quatro compusição di locomotiva por dia, saía, dois mil boi matava, pra São Paulo, Rio i (?) conhecendo o lugá fiquei satisfeito, intão eu era um pião i pensava assim: não (incompreensível)

-Ocês num tem curtivo nenhum, conversando com outro pião; A gente quando sai da cidade, a gente sai em Três Lagoas, Araçatuba, Rio Preto, Barreto, São Paulo, Olímpia, essa cidade passei por Olímpia, Cedral esse mundo tudu, mas falá na vila da Paraíba, não isso aí é outra coisa, só sabe matá gente todos os dias, o que (horror) diz, bom mas aí eu fiquei (?) eu nunca tinha trabalhado na roça, mas aí trabalhei um ano com meu avô, meu avô minero, pobrezinho, família muito grande, i eu gostava demais dele, fui ajudá ele um ano, aprendi, eu fui uma pessoa i SÔ da memória disenvorlvido graças a Deus que eu fazia uma coisa uma vez ou me falavam a coisa uma vez nunca mais até hoje eu sei, eu conheço eu conheço todas as polcas paraguaia, concerto sonata do Paraguai tocado, acordion 280 baxos, a maioral, eu cantava com eles i gostava, quando tocava violão é musico, tenho até hoje as polcas paraguaia todinha gravada na memória (+) num isqueci di nenhuma. Bom é:: eu , foi uma locura por pussuir, mas não tinha possibilidade, um pedaço de terra, di MATA, pra mim tê aquela mata, pra mim dirru cultivá, fazê lavora, fazê invernada, ah, ô, eu sonhava. Lá no sul não foi possível, mas um dia eu trabalhando nesse serviço i voltava na fazenda im Mato Grosso trabalhava, cortava o gado de friera curava, campiava, viajava com boi pra São Paulo, vortava, ô consegui comprá nove muvilhas e um torim, meu patrão deu um potrero no pasto, oba i eu tinha um burro bom, bem arriado (+) tinha dinheiro pra patrão (+) tinha duzento e cinquenta mi réis, mas é pião né, ah! (+) nós fomos pra Rio Preto di volta eu recebi o dinheiro lá, cheguei lá o patrão me falou: vo::cê tem dois mês de serviço não tem? Eu fui com o patrão com a boiada do patrão e da cunfiança;

-Não ocê tem que i cumigo.

-Ah! ah (incompreensível) pelo amor de Deus, ocê num aparta daqui pelo amor de Deus, Nossa Senhora (mudou a voz) que uma moça Tica chorava, num largava do meu pé coitadinha ((o senhor já era casado com ela)) si eu tô, não, não, eu nem namorada eu não tinha, fui fui desse jeito, não nem namorada eu não gostava ((mas quem era essa que chorava?)) não eu tratava todo mundo igual, os rapazes, as moças nas festa, essa moça lá da da fazenda era filha de criação i afilhada do fazendeiro era um mimo que o fazendeiro tinha i eu era pião lá ((i ela que chorava)) i adorava, foi uma ermã que eu tive (+) lá:: em São Paulo eles são muito orgulhoso, ti trabalhei demais lá, pião MATOGROSSENSE, é ultimo ovo da (galinha), não vale nada, pois paulista não dá valor (?) Mas aí, eu comprei fui trabalhando,

comprei viajando, peguei mato pra roçá e dirrubá, eu não sabia, eu peguei , derrubei, recebi o dinheiro e meti dentro da goiaca i esse tempo usava, todo home andá armado, (+) goiaca nova, bunita, revólver Shimit Americano, primera marca, todo mundo olhava: Hum! ele tem um revólver ali (+) já ia uma:: comissão de boiadero, eles muito meus conhecidos a cidade de Patos do Estado de São Paulo HOJE Paulo de Faria, uma grande cidade, Alica, Aramir, Aparecida i Dorvir, cunhecido meu, tinha apelido di Pau Preto Mato Grosso, aí eles passaram lá onde eu estava, mum é na minha casa, eu não tinha casa: Ô Getúlio eu passei naquele porteiro alí lá embaixo, vi um gado seu lá, ocê num qué vende aquele gado?

Falei: Não, não vô vendê, não divia nada pra ninguém, soltero, minero, boas roupa, boa montaria aquele tempo o moço tinha que tê um cavalo ou um burro bom pra andá. Os pais dizia ah esse aí num tem nenhum cavalo pra andá, eu tinha um burro bom, viajava (+) comecei pegá comissão de gado de cá da divisa Goiás, HOJE Cassilândia, mas num tinha Cassilândia i levava im Andradina pois Álvaro Silva tinha três açougue dentro de Andradina. Andradina eu conheço tudo quanto é tijolo ali, a dina, aquele mundo todo, Birigüi, Araçatuba(?)

-Não eu ti dô nove conto, nove conto i duzentos i esse burro, aí eu num tenho defeito, num houve (?) pelo gado, eu tenho um gado aí que eu preciso ir embora pra São Paulo, ele ia pra Paulo de Farias pus Patos nesse tempo, Paulo Faria hoje – eu vô ti vendê.

Fui lá peguei (?) ajeitei, entreguei, vende o burro, põe na goiaca (+) comprá quarenta e dois arqueres di terra do Otaviano de Oliveira lá de tal lugá assim, tem uma casa, tem(?) tem um munjolo i:: eu vô morá, sô sortero, vivo com vergonha de morá nas casa dos outros, (?) chegava, pegava um sirviço pra tê discurpa, e punha o meu burro na invernada, ficava ali, (incompreesnsível) terminava, recebia o dinheiro e partia pra outra fazenda.

-Ocê tem sirviço?

-Tem, fazê uma cerca de arame.

-Agora vô comprá essa terra e vô morá lá (+) que o menos, mudei pra lá, i arranjei, comprei panela, comprei tudo lá i arroz, feijão, porco, já logo fiz chiqueiro, fiz o quintal pra por o gado, já comprei mais gado, sobrou dinheiro, eu comprei o terreno por dois contos e quinhentos, eu tinha nove e duzentos i eu tinha mais dinheiro, garanto, dinheirão goiaca cheia de dinheiro. Eu pensei em fazê uns negócio ia fazer um grande negócio, ia fazê um grande negócio, vô chegá lá.

Chegô uns amigo meu, riu de mim: boa tarde – boa tarde. Apeia, apeia. Ah! Antônio Bernardes, Antônio Lopes de Oliveira e José Paulo,

grande amigo meu CASADO i eu solteiro.

-Ô rapaz, ocê um sujeito bunito igual você morando Getúlio, morando nesse mundo, nesse sozinho, ocê não casô?

-Não, casá com quem, não tenho nenhuma namorada, ah, ah! disarreia os cavalo, põe milho aí nesse cocho, eu tinha um paiol, põe milho e

vai batê papo pa tá tá tá, vamo pra cozinha, vô fazê janta pra nós, fiz janta, tinha linguiça, lavei a linguiça bem lavado, fritei bem frita, frieti ovos, eles jantaro, contaro caso (+) quando foi a noite fia café, ficamos tomando, eu tomando café e fumando, eu não fumava, mas tomava muito café, a de noite ele falô:

-Sabe o que nós tá fazendo aqui Getúlio?

-Ocês veio mi visitá uai.

Já era casado, morava aqui embaixo na fazenda, tinha as mulheres lá, naturalmente tinha que tá até durmino lá com as esposas né, começô a bater meia noite, duas horas, a rede armado, nós compramos aquela partida de touro, dos país touro preto,

-Ocê viu (?) touro?

-Vi lá no poiá, muito bom gado.

-Ô que ocê acha Getúlio?

-Pra mim o melhor gado Zebu, torado, toro qu'eu vi em Mato Grosso foi aquele – Aí nós compramos, viemos aqui vendê pro cê.

-Oh:: o ocê tá ficando doido? Vendê uma partida de toro pra um mendingo igual eu, (+) aqui ô, não, não, vamos lá.

Fomos dormir duas horas, aí uma hora mi deu um um parpite, aí eu falei (incompreensível) i o que tenho sirvi de aval para a letra que eu vô assiná pra vocês eu compro treze touro, só treze, não de treze...

/ . . . /

MORENO, a chamava Moreno, o dia qu'eu cheguei aqui co'a mudança, eles chegaro da mata, desse diserto, esse mundo sem que é aí, que hoje tá tudo formado im fazenda, esse baiano que ixiste aqui chama Onorato (bate nas pernas) lá em frente a capelinha, igrejinha, (?) um pretim, chegpu do mato montado num, no Moreno, era a única condução qu'eles tinha, os pretos tomavam conta do correio, do correio i da istação, é era esse Moreno boi, pintado de preto, mal ele chegô encarreado de raiz de pecacuia, puaia, puaia, aquele tempo REVIVIA aqui de caça, pesca i rancá puaia na mata, puaiá fala assim e vendê em Cáceres, tinha Seu Aroldo Maldonado, buliviano, chefe de vice-consulado buliviano em Cáceres, era comprador di puaia, comprava tudo i (+) dava o dinheiro i eles comprava a:: açucar, trigo, muito bibida, (ou cês) pagava a bibida i eu trazia no meu caminhão pra eles, (incompreensível) i trazia pra ele, eles iam comigo, aquele sacão, eu num cobrava frete (incompreensível)

/ . . . /

I eu depois fui anumiado (?) i eu tava midino a rua, a avenida (?) i chefe da

colônia de Pontes e Lacerda pela CODEMAT – Companhia Corregedora de Terra do Estado de Mato Grosso, tinha só um presidente e um grupo, ricibi um autorização, pra lançar do (gorpe) do patrimônio (?) fui eu que levantei essa avenida com vinte metros de largura que istá aí por nome de avenida Marechal Rondon, 52 graus leste e 47 oeste, grau oeste i lancei 14 rua 90 grau qui aí está...

((I o boi Seu Getúlio?))

Ah! u boi, ah, o boi sirviu a eles muito tempo como portador da produção qui é a puaia i o boi morreu, não, ficô aí, aí tem um malvadu du – ô, a , dá euforria, quer dizer APOSENTOU-SE, (?) o Moreno. U Vivaldo um dia, matando vaca, falou pra mim: Eu tô com o Moreno fechado no Manguerá...

-Porque?

-Vô matá, num tenho outra vaca – falei não, não, Moreno? Que qué isso rapaz? eu ti dô até um tiro se ocê matar aquele boi.

Intão reunimos uma purção de homens i falou: -Não você num mata o Moreno, solta ele, aqui o dinheiro do Moreno, você vai comprá uma vaca i mata. Aí ficô pur aí, eu me perdi do Moreno.

... ((eu pensei que o Moreno tinha sumido no mato))

Não ele ganhô au furria, aposentadoria, ele ficô por aqui ((mas não sumiu no mato?)) não, todo mundo admirava o Moreno i (portava) ele, CRESCEU, virô cidade, Moreno tá por aí, virô cidade.

/. . . /

((Ô seu Getúlio, o senhor lembra alguma história antiga, mas não di verdade, história dessa assim de lobisomem, história de bicho que fala...))

Bicho que fala? Não, num existe isso (?) ah! eu sei muita minha Nossa Senhora! Você sabe a história do lobo? Você sabe o que qui é um lobo? O lobo é um bicho feiticeiro, muito feiticeiro papel dele é assim (?) o lobo é um animar parece cachorro, quadrúpede, ele roto, ele é raro animar, disque tá in ixtinção, tá nada tem lobo dimais nesse mundo aí, só qui ninguém vê, ele è feitticeiro, ele è tão sagaz, é o animal o bicho mais sagaz du mundo, nem Alice da África num è igual; na África tem uma Alice (+) coisa terrível. A onça (?) perde uns quilômetros, assim tem um lobo aqui no Brasil, ele só come perdiz (+) a perdiz é uma ave, ele é ave, que avoa né? Ela vivia nus campus, capim, campo, (incompreensível) ela tem demais i o lobo di tarde fica na nu campo, ele num tem pressa, ele é sem vergonha (?) ele é não sem vergonha que ocê tá ia a oitocentos metros, ele ti vê (faz barulho), nós tá campiano gado, para ficar olhando a cavalo, num tá campiano lobo, gado é ranco, passa por aí, passa aquele monte de cavalo oiano aqueles ispigão, oiano gado isso é verdade, fui criado assim, i ninguém vê ele, isconde, di tardinha sobe, sobe, tá ca barriga inchada, três perdis, como o batuto pegô i comeu com pelo tudo (+) sobe pro cerrado, pega o corrompe, tem o campo limpo, (barulho do lobo) chacop, tapufi! isconde, tem um cerradão, depois tem um colombo, uma mata seca, má como! ele vai (?) divagarzinho, o lobo escolhe o lugá pra ele ficá tocadinho (incompreensível) muita folha, numa porção de folha seca deita (+), us bichinhos bobo, bobinho, mão pelada i:: raposa vem andando dispercibido i o lobo (faz gestos) tá durmino nem.

Agora tem a ONÇA, a (rumo) no caso a onça chega tá rrrooó (roncando) bobão, ele é vermelho, bunito, tem a boca preta, a bocona deste tamanho (faz sinal com as mãos) parece que tem dente até no céu da boca, uma barbaridade (ri) a onça firme (incompreensível) mas, a onça chega ele tá dur põe, a mão na cara dele, o outro acorda i a upa! (e ri, faz gestos) a

num fica, a onça (bate com as mãos) nem tá ai, ela tá caçando é viado, é cateto, tanto coisa (incompreensível), o lobo corre, isconde muito, agora amanhã ele vem cedim (+) vem corbulento mas ah, ele inxerga i chera i iscuta i percebe, tudo quanto é barulho ele sabe que qui é, ele é misterioso i ele para a perdiz tá vindo no campo limpo (?) pi piu piu outro pru pi piu, ele faz é dimais, fica queto, isso é verdade, buscaro o lobo e arrematá co a galinha, a perdiz é bunita, (incompreensível) e cheio de disconfiado, mas ela tem um bombo (e faz o barulho) num é iguar a arara (incompreensível) não ela, num tem rabo i ela num gosta di vuá, no descê lá ela (+) só cai i o lobo tá parado i a perdiz vê ele e comenta: Puta que bicho!, é anta, é cachorro, rabão grosso, i ele tem um olho rapaz qui é:: um foco. A perdiz sai andando divagarzinho discunfiado i ele sai atrás, a perdiz para i agacha pra vuá (faz barulho) (incompreensível) a perdiz vai pra vuá i pára ela resorve num voá, ela num gosta di voá, só si atropelá ela, ela pensa "ah vô isconde desse bicho" e enfia dentro duma moita de capim i oh i sai (piando) assim ele num vai mi vê, hum a pior viage, isconde ele vem divagarzinho i (faz o barulho e gesto) come, limpa os dente, fica meia hora queto ali tem uma perdiz miano lá, outra pra lá, outra pra cá (+) é vai a mema coisa (bate com as mãos), vai uma hora pirssiguino a perdiz, num disiste nem um poco, ai escolhe um monte de capim i pega

/ . . . /

Cês fala que ele é feiticeiro, num é nada, agente antigamente laçava lobo, tirava o lho isquerdo pra fazê feitiço tê tê tê, pra arranjá mulher mintira, num existe nada, mentira (( )) antigamente disque curria atrás, um cavalero, eu nunca fiz isso né eu num sô bobo, corria atrás de lobo laçava com a argola (faz barulho) tirava o olho isquerdo du lobo vivo i sortava prá lá, (?) vivo!, i guardava o olho pra fazê feitiço, mal prusotro, arranjá:: furtuna, arranjá mulher desejada, ah é mintira.

... Mas lobisomem num tem, sombração mula-sem-cabeça , oh mula-sem-cabeça, sombração, a arma perdida, num sei o que, a a arma do otro mundo, não não tem isso nada, num existe ...

... tem muita história, tem aquela du cuelho i a onça, brigando com a onçado compadre Foiarada, ocês já viro contá isso? ((não)) não!! Era uma pau dessa grossurinha (mostra) raciocina bem, aqui im baixo na terra era afinadinho i a im cima era cada galho dessa grossura (mostra com as mãos) i se coelho ia empurrando o (dedo) da onça i subiu na nu pau era fininho assim, i ficô lá em cima – Oh! coelho (mudou de voz) nunca ti vi nada, é mentira – i a onça num pode i a onça foi implicano com o coelho i discubriu que aquela região, a a essa história é muito grande vô contá só um pedaço, tinha só um (salmora) i água, a onça falô: é é ô, (incompreensível) eu pego esse disgraçado desse coelho. O coelho velhaco dimais, num caiu na armadilha. Um outro acho que é (incompreensível) falou: -Ô cumpade coelho, a cumade onça tá lá no oitada tisperando, me falô lá agora, a onça num quiria nada , pintada deste tamanho. O coelho tava pra morrê de sede i ele olhô, a onça tá lá ai (esfregou as mãos) vortô (+) ah! i naquele cupim tem um mel de abelha, tem muito mel eu vô lá meto a unha naquilo eu furo,

ANEXO 03

UNEMAT

Parte II

a. Transcrição dos Relatos

1. Dona Maria em 14.07.98

Início (incompreensível)

... aqui foi mas, foi mas melhor pra mim, aqui eu possuí arlguma coisa, trabalhei, anrranjei arlguma coisa na vida, acabei de criar meus filhos, daqui eu tive conforto pra mim educá TODO eles né, que são esses nove filhos, todos, o que istudou aqui um pouco, daqui quando panha de quatorze, quinze anos eu tiro pra fora, aí eles vão pegá os istudos deles pra fora, intãoce os filhos qu'eu tenho, graças a Deus foi cria::do na pobreza, porque eu era pobre não tinha nada, apenas esse ranchinho de palha qu'eu criei eles, foi nessas casinha de adobo antigo, adobo de barro, num é nem de tejolo queimado ainda, aqui, daqui eu trabalhava e mantia eles na cidade, pra eles tê arlgum istudo melhor, assim que terminô um que tá im Cuiabá,é:: ele é músico, professor de música, que é Eugênio, tenho outro que istudô hoje ele é bem impregado, tem boa casa né, ele foi muito tempo sub-gerente de uma casa de disco, a maior casa de disco, intão esse também istudô, casô i (incompreensível) está residino lá im Cuiabá, ele num toca, o outro num toca, é só na loja de música, i tem esse que me acompanha, que é o Ditinho, é Benedito Filho, esse mora cumigo todo tempo, agora tem o caçula, que é o Ademirlson, esse saiu, istudô, trabalhô em muitas companhias né, ele é ::, didicô pra sê:: che assim, chefe de trabalho de prédio, essas coisa, ele é mestre de obra, mas como a companhia faliu ele ficô meio fraquecido, aí ele voltô pra cá, tá aqui morano, a casinha dele quando ele foi imbora dexô, tá ali, aí perto, aí ele vorltô tá cum a família aqui, mulher e filho, aquela mulherzinha branca que tá ali i aquela minininha filha dele, é o meu caçula, está cum trinta anos, ele tá ali cortano madera pra fazê a cerca daqui i assim nós continua sempre aqui unido entre família. As três filha casô, essa daqui é casado, tem quase trinta ano de casado, a otra casô, não teve sorte cum marido, marido dexô cum três filho, mas ela criô os três filho, ela é professora tem boa profissão, criô os três filho iducô, agora dois são atreta, um casal mais velho, que é o Leiva, que falam Leivinha (incompreensível) esse é atreta de futebol e a outra é de carrera de corrida, a menina chama Aristuza, essa é de corrida, ela está de chegada pra cá, de férias, ela i tem o caçula qu'ela tá cum ela ainda istudano, ela chama Olizete. I tem a Mariinha que casô também mora bem dus [[é bom que a senhora conseguiu manter a família toda junta né?]] é eu criei eles unido i pretenço eles sê unido até um dia qu'eu fartá no lugá [[mas eles podem continuar juntos]] continuar junto né, eu moro aqui trinta anos sempre aqui, residino neste lugá, daqui num

pertendo sai de mudança pra canto nenhum, a minha mudança ela já [[só para o céu]] no céu?

(sorrindo) primeiro dotro lado da reta, depois é onde Deus permiti que eu não sei aonde é qu'eu vou, eu tô a espera né, porque eu sempre prospero fazê o bem pra gente prosperá o resto da da vida da gente, que a gente não o que a gente vai sê né, mas o que a gente prospera que sempre que a gente seja feliz até o resto mortal da gente e a união faz tudo né?

Eu sempre trabalho assim, co'a cabeça, quando um tá ruim eu vô acolho aquele, quando otro tá, quando esse melhora, otro tá ruim, corre pra meu lado, eu acolho otro, quando otro tá eu vô acolho otro, mas eu quero união dos meus filhos, é nove que Deus me deu, esses nove eu mantenho sempre unido, agora esse que tá im Belo Horizonte é duente, aliás que tá até na cadera de roda, intão ele operô da cabeça, num tem aqueles tumor que deu, ele teve que operá os dois lados da cabeça i depois com aquilo atingiu o, o orsal né, aí agora ele num anda, tá na cadera de roda, mas eu tenho aquela paciência qu'ele num trabalha, ele só tem uma professora que cuida ele lá pra mim, quando ele operô, ele, foi o marido da professora que ajudô, que ele me deu a força né, i agora ele saiu e sempre ele mora cum ela lá, num quarto, [[ele não é casado?]] num é casado mora lá na casa dela, faz tudo pra ele, i eu agora todo mês tem que mandá um dinheiro, num digo muito né, mas eu mando, tem hora que eu mando duzento, otra hora cem, outra hora cento e cinquenta pra ajudá ela mantê ele né, qu'ele não pode ficá no:: internato, porque o internato hoje tá cobrano um ABERSURDO, hoje num tem, antigamente tinha internato do governo, hoje num tem mais , intão eles cobra da, do alimento, do remédio, da sopa, até a estadia lá dentro é pago, intão [[não tem como ele ter aposentadoria?]] ele tem hã, pode tê aposentadoria, mas assim porque, os paper dele é tudo daqui do Cáceres, que o pai dele era funcionário público daqui de Cáceres, MEU marido. Intão morreu ele ficô co'aquele direito ganhano até 15 ano, daí cortaro, intãoce agora como ele ficô assim, eu quero vê ainda, por enquantu, tô muito cansada, ainda muito ocupada, mas eu ainda quero vê sê eu procuro vê se ele tem o direito da aposentadoria, pelo direito do pai dele que era funcionário né, que trabalhô 27 anos no correio telégrafo antigo, i eu sô casado, os filhos tudo foro saindo do direito, ficô só um casar que é a Mariinha e ele, aí como ele era home cortaro ficô a Mariinha, tô ganhano o que ganho até hoje e dele cortaro, mas como ele ficô com esse problema eu quero vê se, se eu luto prá dá um direito de aposentá ele né, porque ficô um pouco pesado pra mim né, ultimamente eu crio uma filha dele né, ainda tenho que [[aí ficou uma filha]] tenho uma filha cuma mulher sortera de Cuiabá i daí dexaro pra mim eu crio desde seis mês de nascido, tá cum 12 anos fechado, já tá uma moça, i:: eu tenho que dá o tudo pra ela né, o istudo melhó, o tratamento melhó, porque mocinha a senhora bem sabe que tudo é mais dificil pra gente, intão é isso que eu quero vê se eu continuo sempre assim, i eu resido AQUI garantino esse pedacinho né, pois aqui eu trabalhei e possui é meu suor, aqui não é herança de marido, não é herança de familia de nada porque

eu num ( ) eu consegui com meu trabalho, eu trabalhei, comprei este lugarzinho e daí foi movimentano, crescendo aí quando veio a midição, mandei midi esse terreino e paguei, hoje tem mapa, tem tudo, tá tudo resistrado né, aqui eu posso falá é nosso, é aqui é pra mim cabá de dexa pros próximo que vem, os neto, os bisneto né, tudo vai teno sempre aquele direito né, a gente ispera que a união é tudo, e assim que vô isperá uma a felicidade aqui neste lugá (+) i ispero que os amigo, as amiga, (peço proteção) que graças a Deus eu até hoje eu tenho boas amizade com todos, aqui TODO mundo me conhece, fala aonde que é dona Maria onde?, é lá na chácara São João, lá vem, vem aqui, já vem aqui né, i essa festa qu'eu faço [[como é que é essa festa?]]. É, ela começo assim do nada, eu, quando eu mudei prá cá, eu tava com meu filhinho de dois aninho, i quando eu morava in Cáceres eu tive muito duente, uma pelamonia aguda que me bateu eu perdi a fala, tá eu deitada com aquele minino bem piquinininho na mão, eu pidi:: assim pra Deus: o Deus me dá uma força pra mim criá esse minino piqueno assim, sem voz pedino no coração [só no pensamento] iscutei o pessoar passá com o São João no rio cantano, eu achei tão bunito e pidi, falei: o São João, se vós é (+) apóstolo de Cristo è quase poderoso me dá saúde pra mim criá meu filho, que se eu sará eu hei de fazer essa festa com a união do povo até o dia que Deus me dá força, daí pra lá eu sarei sem que nem pra que, só com chá, só com remédio assim, porque vô falá a verdade, falá pobre disque a gente num pode falá, mas eu era fraca, nada eu tinha, só tinha o filho, meus filhos né pra criá, aí eu sarei e criei, e daí eu mudei pra cá, intão desses 30 qu'eu mudei pra cá faz 33 anos qu'eu mudei pra cá aí, intão eu venho fazendo esta festa. Comecei a reza, fazê fogueira, faze biscoito, assim tratá o povo e daí quando eu foi ficano mais, foi cresceno muito né, aquilo já não dá mais pra gente fazê aquela dispesa pro povo ficá satisfeito né, que a vida tá ficano difícil, aí eu comecei, pôs festero, pôs (+) juiza::do, rainhado, e sê capitão de mastro, aferes da bandera e ho::je nós alevanta o mastro, tem a bandera, tem a reza e tem biscoito, quentão, licor, isso tudo eu faço para , por conta da festa, é pros amigos e amigas, agora essa bibidas típicas que vende nessa barraquinha é pra ajudá nas dispesa, pagá luz, pagá alvaral, comprá outras coisa, comprá, uma rês pra fazê um churrasco, uma coisa né, i quando o São João não ganha, qui sempre ele ganha, mas agora né as vezes, as coisas tá muito difícil né nós tivemos que comprá porque aquele que festa, que tem aquela harmonia também percisa de comê não é só bebê (rindo) aí é onde é que tem um churrasco, aí pra gente num fazê uma coisa muito feia nós faz uma almoço bem feito, comida bo::a, maionese, arroz, churrasco, e o assim o povo festeja, todo povo, aqui vem quem vem, todo come, todo bebe, num iscolhe a quem, isso alí num tem pobre, num tem rico, num tem, o que aparece, o que é de comê meu filho é pra comê, vão comeno, vão, leva né, quem é pobre, que mora bem longe, vem com vasilha leva, eu dexo levá, pra mim é um prazer, isso eu tô fazeno por uma promessa que eu fiz, que i de fazê tudo para vê se Deus me conforta sempre aquela felicidade e eu me sinto feliz sabe até hoje, que tem hora o pessoar até num acredita que na idade que eu tô [[que idade que a senhora tá?]]. Eu estou com 76 anos

fechado, e esses 76 anos fechado que eu tenho pra mim é uma felicidade, só neto, eu tenho quarenta e poucos netos, bisneto eu já tenho, parece que uns vinte, mum digo mais, mas eu acho que tem uns vinte (+) e assim vai tá a família, (ri) as vezes a gente ispera a força de Deus né e tem gente que nem acredita que tenho essa idade né, e a senhora vê que eu luto, eu lutei muito, trabalhei muito, que quando meus filhos era pequeno eu trabaiava de sorl a sorl, de foice, inxada, machado, lutei muito com lavora, com tanta coisa, pra mim pussuir arlguma coisa que tenho, assim eu sinto feliz, sempre feliz, ispero que este final (ri) é ispero que esse seria o final feliz que a gente ispera que, diz o povo que tem o Senhor do Bom Princípio i tem o do Bom Fim, intão eu mum peguei (rindo) o do Bom Princípio, foi cansado, mas eu tô pegando o do Bom Fim, que é esse aqui, é (ri) este é o lazer do bom fim, é esse acqui que nós estamos esperano, unidos sempre cum, o ser humano é milhor do que a gente sê uma pessoa agressiva, viver (+) o assim eu num tenho raiva, mágoa de ninguém, num sô uma mulher que manheço xingano, i falano, eu tô velha tudo, tem hora eu vejo as pessoa assim, eu falo: ô fulano porque que ocês são assim? Ah! Mas a senhora tem o ispírito já::, assim um ispírito discansado, um ispírito que num liga pra nada, assim, que a gente tem que sê, mum deve ligá mui::to pelo que está passa::ndo, a gente tem que isperá o que Deus manda pra gente que é a felicidade, num pode sê agressivo, porque a pessoa agressivo nunca sente feliz, intão a senhora vê que eu tô a assim, pode a criança brigá, chorá, pintá, a senhora vê, eu tô olhano pra ele, aí: Fulano que que é isso? Hum, mamãe inda fala fulano que é isso , nem pra mamãe pegá um cipó e surrá; Ah! dexa e::le, a tá fazeno marfeitoria, dexa ele, caí levanta, quando outro grita aaah, eu falo mum grita dexa ele brincá, ele está distraindo, ele tá pequeno, i eles fica passado de eu tê esse ispírito discansado, assim, mum tenho dia pra mim,, o todo dia que Deus me dá, é esse, alegre, satisfeita desde a hora qu'eu levanto da cama, mum tenho dia pra mim ficá zangada, huada com ninguém não, é alegre com todo mundo, e assim eu sinto, que eu hei de ser até o dia que Deus me chamá, aí eu quero a felicidade, eu acho que o lugar melhor é esse que Deus (+) é, é, eu nem acho que fraqueza assim da gente mum tê dinheiro, num sê rica, isso pra mim num resorlvo nada, aí pra senhora vê que eu sô fraca, mas eu acudo todo que precisa, aresorlvo tudo que percisa, eu mum posso vê uma pessoa passano marl, au fico doidinha pra mim acudi ele, eu quero acudi, eu quero dá vida, eu quero vê que Deus dê e eu ajudo, porque muitas pessoa caí, duma vez, porque mum acha uma pessoa pra alevantá ele, quando vê que tá caino, a gente põe a mão, alevanta, ajuda ele aprumá:

vamos fulano, num pode caí assim, a gente tem que alevantá outro, se a gente tem força, a gente dá força pra ele e assim eu ispero que eu sempre seria feliz assim, é o qu'eu ispero na mi, no fim da minha vida.

[[Sabe o que gente queria saber dona Maria?]]

Hã! [[é que a senhora sabe contar alguma história pra gente, um causo, qualquer tipo que a senhora gostar]]

Antigamente?

[[de antigamente de preferência]] hã de preferência, hã, antigamente, qu'eu tenho prá contá pra vocês é que eu cheguei aqui, im mil novecentos i quarenta e cinco, eu tinha 16 anos, cheguei casada com meu marido aqui. Vim da do antigo Mato Grosso que é Vila BELA da Santissima Trindade, de lá qu'eu vim, prá cá quando meu marido foi nomeado pra sê funcionário aqui. Quando eu cheguei aqui, era um sertão (+) ixistia a anti::ga estação de Marechá Rondão, ali na Vila Guaporé, ali chamava Vila Guaporé, aí veio os agremensor pra fazê essa divisão de Bolívia i e Brasi [[num tava feito]] que é:: esses dois agremesor qu'eu conheci, um chamava Pontes e o outro Lacerda, aí eles botaro marco tá na divisão ali im baixo, no marco, ferrado com nome deles dois , um é Pontes e outros é é e Lacerda, intão ficô assim Pontes e Lacerda o nome do lugá. I eu apenas tinha esses dezesseis ano quando eu mudei pra cá, vim muntado num cavalo (rindo) tocano um boi, meu marido notro cavalo puxano um cachorrinho na corda (ri) um casar de pintinho piquinininho (ri) dentro dum chapéu de palha, e eu muntado no boi [[e não tinha criança ainda?]], não dezesseis anos qu'eu tinha de casa e se esse tempo era recém e mudei aqui. Quando nós chegamo aqui tinha uma base do de umas cinco rês (incompreensível) parece que tinha umas cinco vaca i um, uns cinco ou seis e um toro, criolo, que era dum incarregado, Seu Antônio Colombo da Cunha, que foi o primeiro incarregado, que ficô incarregado do correio telégrafo aqui [[seu marido veio para trabalhar com ele?]] cum ele, é ele foi nomeado prá trabaiá cum ele, ele, aí ele, ele morava im Vila Bela, ele ia prá lá e nós ficava, eu, meu marido, e o cachorro (rindo) os pintinho, nós cuidá na istação velha e o telefone. Esse tempo era de (incompreensível) tocava rão, rão, (rindo) aí dispertava, aí que a gente chamava, que conversava im Vila Bela, daí virava prá cá cunversava im Cáceres, de Cáceres que ia pra Cuiabá, de Cuiabá pro Ri::o de Janeiro, era tocado, era tudo no mor, assim, daí tocava, eles atindia pelo telefone a por aí, nesse tempo eu passei quatro anos aqui, era nesse sertão [[quantas famílias moravam aqui?]] é depos, uns três anos qu'eu tava aqui, antes deu mudá daqui um ano, veio mais duas famílias só, [[ah, aqui no começo era só a senhora e o colombo?]] isso,era o Colombo incarregado e meu marido que era Benedito Francisco da Silva que foi o primeiro bom [[então não chegava ser uma cidadezinha mesmo, nada, nada, era sertãozão mesmo?]] era sertão, sertão i triste o a istação que era o correio, [[vocês morava na estação...]] é num tinha casa, num tinha nada, [[Botaram a estação aí pra defender da Bolívia? É isso?]] não pra defender dus indio, que aqui:: a senhora num ia no rio tomá banho si num fosse cuma ispingarda armada já, im posição porque eles atacava im quarlquer lugar os indios, tinha muito indio, intão quando nós saía fechava a istação, eu, meu marido muntava e saía, dexava os pintinhos preso debaixo da istação tampado, só saía com o cachorro, o cavalo, o boi, nós saía pra i fazê a percurrida nas linha, quando tava quebrado que tinha problema, que num tava falano nós dois ia dur [[para a senhora não ficar sózinha.]] pra ah! Quando qu'eu ia ficá sózinha eu era muito menina né, de dezesseis anos, meu marido num ia dexá né, aí eu ia até onde o defeito, corta sortava a linha , aí

vortava i vinha pra já tava tendo concorrente otra vez, aí quando dava defeito lá pra Vila Bela nóis ia pra Vila Bela, ia até onde achava o defeito né, aí cortava, sortava a linha, porque era pau aquele tempo, aquele maderão grande im cima interava a linha no chão cortava, aí tinha que cortá aquilo com machado, eu já ficava de prontidão com a espin.. [[com a espingarda]] é isperano os índio porque era pirigoso, nem só índio como tinha o::nça, cobras perigosa, tinha esses Bico de Jaca, só bichos, era sertão, sertão mesmo, sertão [[mas em Vila Bela tinha já uma cidadezinha]] tinha a cidade, lá tinha, porque lá foi a segunda capitar de Mato Grosso, que primeira foi São Vicente, e a segunda era Vila Bela da Santíssima Trindade, aí mudou pra Cuiabá i nós quando chegamos aqui lá já tinha cabado a capitar, os índio já tinha dado, ficô memo aquele povo que resistiu [[parou de ser capital lá por causa dos índios?]] dos índios. Lá tinha reinado, tinha tudo, eles botaro tudo pra imbora, os índio atacou memo, ficô:: esses negros antigo muito forte que resistiu né, velente que andou escurraçando eles, qu'eles afastô um poco, aí que formou de novo a cidade, a cidade de Vila Bela, [[E aqui a senhora ficou três anos, só a senhora, o marido, os pintinhos..]] é só aí que chegô dois moradô, chegô primeiro Rosene Pinto, ficô uns tempo aqui cum nós, depois veio Emiliano Colete da Cunha, que ficô incarregado do telefone, porque quem atendia era eu e meu marido, quando saiu Seu Antônio Colombo. Aí ele veio como incarregado que ficô tomano conta da istação, mas logo que ele mudô prá cá, num passô um ano, meu marido foi transferido po Porto Espiridião, eles continuaro aqui já otra turma, aí tinha Seu Fortunato, tinha num sei quem, num sei quem, aí eu já nem conheci mais os que viero pra cá, segundo do meu marido, nós já fomo ficá lá no im Porto Espiridião, [[então, lá era maior que aqui?]] lá, ali já foi cidade mais velho né, mais avançado, ali num tinha pirigo nenhum, aí ele ficou trabalhando alí, até o dia que (+) caiu doente, que já não pôde mais trabalhá incostaro ele, daí ele, eu fiquei lá morano quatorze ano, aí eu mudei pra Cáceres, morei mais quatro anos im Cáceres, aí ele já ficô doente, num cuidô mas de nada, já vivia só doente pra que, pra li e eu com os filho piqueno, eu tinha sete filho piqueno, aí cidade sem, é caro a vida né, muito dificultoso num tinha como vivê, eu mudei prá cá vim trabalhá aqui di novo, mudei prá cá, aí quando vorltei prá cá, já tinha igreja, já tinha professora, já tinha colégio pras criança né, já tinha otros, o Emiliano inda tava encarregado, aí já tinha mudado muitos moradô, é lá embaixo, no Guaporé, é ali era o Guaporé, Guaporé antigo, mas depois que midiro lá que passô fico Pontes e Lacerda, mas só que os pessoar num num muda o Guaporé, num isquece do Guaporé, porque ali ERA o Guaporé antigo, intão ali ficou Pontes e Lacerda, mas a região intera , falou que vai prá cá, fala vai pra Pontes e Lacerda. (...) quando voltei prá cá foi in 60, porque 60, não 62,63,64, não vorltei im 64, em 64, 65, 66, eu fiquei...

Aí, já tinha arguns moradô aqui pra cima, desses pessoar da'zabumja que mudaram pra cá já morara assim sarteados arguns, mas inda num tava formado a cidade. De sessenta i:: mil novecentos e sessenta e sete, sessenta i oito, sessenta i nove, de setenta pra cá é que o povu:: formô aí

já foi já teve colégio aqui em cima, já teve prefeitura, já foi nomeado prefeito, essas coisa né? E que cresceu a cidade prá cá pra cima, mas custô ( ) era mais isolado, o movimento era mais lá no Guaporé em baixo, aí qui subiu o movimento aqui pra cima, aí que já fizeram as igreja, que é a igreja de São Bom Jesus da Lapa, aí foi crescendo né, movimento pra cá é de de sessenta, setenta e um pra cá setenta e dois. É novo, o pessoar fala que é velho, num é velho não é novo que , é novo mesmo, tem vinti e poucos anos que cresceu a cidade, é que o movimento melhorou. (incompreensível) né assim as família né, quem tinha suas famílias com continua (incompreensível) é contava arguma história né, contavam os casos passados, isso a gente num isquece né di contá pros filhos. Porque a maior parte que a gente mais ficava em casa era só o tempo cos pequeneninhos porque os maior ia saindo prá istudá, qu'eu num deixava ficar grande quando panhava de doze, quinze ano eu já mandava prá Cuiabá:: pra Cáceres prá istudando logo, por isso qu'eu não tenho nenhum qui num é istudado né, porque todo eu pôs tanto as mulher como os home pôs pra istudá pra fora. Eu não,num tenho istudo, não conheço uma porta de um colégio, nunca, só lutei a pur pelos meus filhos, eu quandu tava com a idade de dezesseis ano qu'eu casei, eu num tenho vergonha de falá pra senhora eu vegeta::va num vivia, eu num cunhecia a letra Ó que é o melhor da gente conhece pois perguntava o que é esse (rindo) era uma roda de carro. Mas eu fui muito caprichosa, que depois eu falei: mas será que eu vou vegetá assim, porque eu criado sempre no sertão, co mãe trabalhano em roça, lavora, no lugá que num tinha recurso pra istudo, no entanto qu'eu num aprendi nada lê, minha mãe num sabia eu também num aprendi. Mas depois eu tomei por capricho, eu falei agora eu vou aprende lê, então tinha os vizinhos que tinha os meninos estudando, quando chegava em casa que vinha leitura pra casa pra mãe passar pros filhos né, que as professor antigo exigia né, quando eles tavam estudando em casa eu sentava e ficava olhando ele istudá aí intessei, comprei cartilha, quando eles estava istudando a cartilha eu estava istudando o meu, que qua::ndo as criança desenvorveu na cartilha eu desenvorvia igual com eles e por aí começei, (+) iscrevê, eu num tenho vergonha de falá eu istudava (+) num tinha o qu'eu lê, eu lia lata de banha, (incompreensível), aquelas mantega avião, esses são os causos que eu tenho pra contá pra vocês, tinha aquela latinha de mantega avião, eu lia quando eu comecei aprendê lê aquilo, ih! eu já [era uma alegria] aí eu comecei eu mesmo comecei iscrevê meu nome, iscrevê no do das coisas, das palavras, da lata, da mantega, da banha Dona, ah! quando eu aprendi isso pra mim era uma aligria qu'eu já sabia.

((A senhora tinha quantos anos mais ou menos?)).

Qu'eu aprendi? ah, já tinha uns (+) dezessete, dezesseis a dezessete, já::, pois já tô falano pra senhora que quando eu casei eu num cunhecia a letra ó, e num num assinava nada, nada, nem o papel do casamento quem assinou pra mim foi o juiz porque eu num sabia, eu não sabia lê! Eu num tenho vergonha de falá, é, é coisa pra mim qu'eu acho que isso não é vergonha, vergonha é a gente sê uma pessoa que tem aquela, aquela fibra de um dia sê alguma coisa, ho::je (+) eu vô falá pra senhora,

se a senhora vê eu iscrevê, carta qu'eu escrevo, até pro presidente da repúbrica, num tem lugar qui Brasilia, Rio de Janeiro, lugar tudo, nunca mea carta foi refugada, hoje pego e escrevo qua pra quarquié:: advogado, hoje eu iscrevo da minha intigência, do meu esfoço, pra mim serviu né, porque depois que meu marido morreu quem luta na vida é eu né, então hoje tá servindo. Meus filhos (+), ah! aí vinha aqueles jorná, paper, que vinha inleado né as coisas, esforçava né, lê arguma coisa que tava passando pra fora né, aí aquele tempo vinha aqueles Cruzero do Surl né, tinha muitas coisa é, aquela revista Cruzero do Surl no tempo que ainda era aquela avião Cruzero trazia, aí eu ia lá:: i pegava nos correio e levava pra casa, aí eu ia lê, eu ia ve arguma coisa importante, aí, com isso eu disenvorlvi muito, me serviu; hoje eu:: sinto feliz né, porque eu esforcei e depois eu vi o istudo É BOM, é a melhor coisa que tem, a gente dá estudo aos filhos, porque o istudo a::bre a vi::sta da pessoa, a pessoa sem sabê lê está com os olhos fechado, a gente veze vegeta iguá as folhas (+) num é uma vida, é uma vegetação (+) num tira, é:: mum tira não, porque hoje ninguém me tira mais isso, (incompreensível) hoje eu tô com meus filhos eu exprico o::lha, num vai servi isso pra mim vai servi pra vocês, o qu'eu busquei pra mim serviu até hoje, agó daqui pra frente é vocês que vão buscá pra vocês, que a felicidade é o istudo pros filhos, só qui graças a Deus meus filho nunca me deu trabalho pra istudá, os que começa do primeiro vai até o oitavo, até formá, tudo eles, tudo eles são inteligente, inteligente, tudo inteligente como esse memo ali que passô co'esse pau aí no ombro, ele começô istudá, u dia qu'ele fez (+) SETE ano ele falou para mim: mamãe eu quero ir pro colégio (+) a senhora credita que aquele minino nunca repetiu um istudo e é inteligente no::ssa senhora, (o dia que a senhora pegá) prá trabalhá a senhora fala pra mim é nada, aqueles é um tonto e É istudado (incompreensível) i é quarlquer resrolvê coisa aquele home que tá fazendo ali, esse que tá sendo é esse aí, esse é o caçula (+); as vezes né porque eles era muito cansa::do, de ida::de né, criá criô os filhos tudo assim trabalhano né, quando nossos pais morreu, dexô nós miúdo, mas era quatro filhos só qu'ela tinha, mas meu pai morreu, eu foi uma que fiquei com dois anos, a otra mas criança do que eu ficô cum três mês de nascido, a mais velha, o mais velho do que eu, o rapaz, ficô cum:: parece que oito ano e a outra, uma otra ficô com cum dez, agora tá (+) morreu meu pai dexô nós tuda miúdo, aí mea mãe foi trabalhá pra criá os filhos, ela criô nós tudo mas sempre nos lugá do sertão, nos lugá que mum tinha jeito (de estudo) ela trabaiava lá lavora, plantação de cebola, alho, fumo, pra fazê fumo pra vendê, pra vesti as criança, aí mum teve recurso pra i pra cidade prá iducá nenhum dos filhos, todo é não até esses mais velhinho inda ela dava assim pra madrinha insiná, padrinho, daí eles pegaro um poquinho de istudo, mas num é muita coisa, mas, ah (+) não era dificil né pra gente ficá com ele assim naquela decadência né, (+) eu contava história antiga né (sorrindo) ah! ela qué história antiga ah! não ah! a senhora qué uma história, ai meu Deus do céu que história!, é i, pode contá mentira ((ri)) meu Deus du céu, bom vô contá uma mentira pra vocês (+) é se (+) uma história, hum ela qué! ela sabe, qué uma mentira, eu vou começá contá uma

ANEXO 04

Hamilton Rosa Taveira	Posse: 01.02.1973
Waldemar Cunha	Posse: 01.02.1977
José Belmiro Simões	Posse: 01.02.1983
Armindo Domingos da Silva	Posse: 01.01.1989
Demilson Nogueira Moreira	Posse: 01.01.1993

VEREADORES DA ATUAL LEGISLATURA

Everaldo Miguel Nogueira (PTB/PL/PFL), Valdivino Rodrigues de Almeida (PTB/PL/PFL), João Batista Domingues (PTB/PL/PFL), Arcione Ataides de Carvalho (PTB/PL/PFL), Sebastião Severino da Silva (PTB/PL/PFL), João Ribeiro Moura (PDT/PMDB), Aldo Domingos da Silva (PDT/PMDB).

Suplentes: Otávio Mesquita de Moraes (PTB/PL/PFL), Leila Nogueira Pacheco (PDT/PMDB). Fonte: TRE/MT.

Pontes e Lacerda

Histórico- Os primeiros habitantes da região do município de Pontes e Lacerda foram os índios do povo *nambikwára*. Os paulistas devassadores da região, nos primeiros tempos, denominaram esses índios de *cabichis* ou *cavichis*.

Hoje em dia a denominação kabixi é utilizada entre os índios do povo *paresi*, para um grupo da sua própria tribo, que é tratado como antropófago na cultura tribal.

Apesar da dizimação da tribo por preias dos paulistas e problemas de aculturação, ainda hoje uma parte do povo nambikwára mantém vida organizada no município, em área indígena denominada Sararé. Nesta mesma área, em 1987, habitavam 41 índios.

Grande mérito teve o padre Antonio Iási Júnior na estabilização dessa área indígena, contribuindo decididamente para superar as crises provocadas por fazendeiros da região, sendo necessária a intervenção do exército para a demarcação da reserva.

No tempo histórico escrito, a região de Pontes e Lacerda teve movimentação antiga. Acompanhou a movimentação dos garimpos da região de Vila Bela da Santíssima Trindade. No entanto, não ficou registro histórico de maior monta.

Em 1906 a região passou a ser objetivo de trabalho da Comissão de Linhas Telegráficas Estatégicas do Mato Grosso ao Amazonas, comumente denominada Comissão Rondon.

Pontes e Lacerda era estação telegráfica na linha variante entre Cáceres (cidade então denominada São Luís de Cáceres) e Mato Grosso (então denominação de Vila Bela da Santíssima Trindade).

A denominação Pontes e Lacerda é recente, mas tem origem nos nomes dos astrônomos e cartógrafos Antonio Pires da Silva Pontes, que era mineiro e Francisco José de Lacerda e Almeida - paulista. Ambos eram diplomados pela Universidade de Coimbra - Portugal. O binômio Pontes e Lacerda, honra os dois astrônomos.

Os dois ilustres cartógrafos e astrônomos elaboraram em 1784 a primeira carta geográfica dos rios da região, partindo de Vila Bela, rumando para o Rio Jauru. Foram descritos,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

assim os rios das bacias Amazônica e Prata.

Para os trabalhos da linha telegráfica, a Comissão Rondon designou na função de encarregado geral o sr. Antonio Colombo; Emiliano Coleta da Cunha, atendente de telefonia e filho de Antonio Colombo; Benedito Francisco da Silva - guarda da linha.

Nesse tempo o local começou a ser conhecido também como a Vila dos Pretos.

A 19 de julho de 1909, o governo destinou 3.600 hectares de terras para o centro da povoação.

O desenvolvimento, no entanto, caminhou lentamente.

A 22 de julho de 1947, Mariano Pires de Campos chegou a Pontes e Lacerda, a pé, acompanhado de 22 índios do povo paresí, em marcha seguindo o Rio Guaporé, ocupando-se com a extração de poaia.

Em 1952, o engenheiro Wilton, a mando do governo, realizou as primeiras medições, bem como a locação de fazendas da região.

Em 1955, o sr. Benedito, da cidade de Garças, Estado de São Paulo, estabeleceu-se na região denominada São José, acompanhado de várias famílias. Plantaram arroz, milho e feijão. A safra foi generosa, só de arroz colheram 200 sacos.

A 2 de setembro desse mesmo ano, teve início a medição de terra da Colonizadora Sul Brasil, na localidade de Pindaituba. O chefe da colonização era Jorge Lemos.

No ano de 1960, chegou o sr. Joaquim Goulart, proveniente de Barretos, Estado de São Paulo. Trouxe consigo algumas famílias e abriu uma fazenda nas margens do Córrego da Onça, plantando os primeiros pastos do futuro município de Pontes e Lacerda.

Joaquim Goulart trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Logo construíram uma pequena igreja, na Vila dos Pretos, entronizando a santa.

Em 1962, chegou a Pontes e Lacerda uma equipe do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem - DNER, a fim de abrir estrada em direção à Vila Bela da Santíssima Trindade.

Terminada a estrada, o cozinheiro da equipe construtora, Manoel Basão, permaneceu em Pontes e Lacerda, construindo um barraco num local onde atualmente se situa a Avenida Marechal Rondon.

As novas famílias, que vinham chegando a Pontes e Lacerda (que ainda não tinha esta denominação) foram se localizando junto ao barraco de Manoel Basão. Este ajuntamento de barracos e pequenas casas distava em torno de 3 quilômetros da antiga Vila dos Pretos.

Nesta época as famílias provinham mais dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Posteriormente vieram de outros lugares, especialmente da região norte paranaense.

O desenvolvimento geral de Mato Grosso teve influência no desenvolvimento de Pontes e Lacerda. Além das facilidades promovidas pelo Estado, entre elas a venda a baixo custo de terras, o governo federal desenvolveu planos de arrimo por meio de abertura de estradas, financiamento favorável, projetos especiais da Sudam e Sudeco.

Com o desenvolvimento, a Lei nº 3.813, de 06 de dezembro de 1976, sancionada pelo governador José Garcia Neto, criou o distrito de Pontes e Lacerda, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

O Decreto 940, 11 de maio de 1977, criou uma Unidade Sanitária, tipo U-1, na sede do distrito.

O afluxo de migrantes à região foi imenso. Porém o que significou aumento

demográfico significativo foi a descoberta de ouro, nos garimpos da Serra de Santa Bárbara e do Caldeirão, aos borbotões.

A Lei Estadual nº 4.167, de 29 de dezembro de 1979, de autoria do deputado Ubiratan Spinelli e sancionada pelo governador Frederico Campos, criou o município de Pontes e Lacerda, com território desmembrado do município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A instalação oficial deu-se somente em janeiro de 1981, ocasião em que tomou posse o sr. Gercino Rodrigues de Souza, na condição de primeiro prefeito municipal nomeado. Dois anos depois entregou o cargo ao sr. Dionir de Freitas, primeiro prefeito eleito.

Fator de progresso foi o asfaltamento da BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, passando pelo município de Pontes e Lacerda.

Dados Gerais do Município

Dependência Genealógica - O município de Cuiabá deu origem ao município de Vila Bela da Santíssima Trindade, do qual originou-se Pontes e Lacerda.

Denominação dos Habitantes - Lacerdenses.

População - 40.452 habitantes (IBGE/96).

Eleitores - 25.861 (TRE/96).

Distritos - Sede, São Domingos.

Limites - Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião, Jauru, Barra do Bugres, Tangará da Serra, Campos de Júlio, Nova Lacerda.

Comarca - Pontes e Lacerda.

Altitude - 252 m.

Distância da Capital - 442,90 km.

Coordenadas - 14° 40' 45" latitude sul, 56° 51' 40" longitude oeste Gr.

Extensão Territorial - 14.747,11 km²

Localização Geográfica - Mesorregião 129, Microrregião 529 - Alto Guaporé. Sudoeste mato-grossense.

Relevo - Chapada dos Parecis. Planalto Residual Guaporé, Serra de Santa Bárbara.

Formação Geológica - Coberturas não dobradas do Fanerozóico, Bacia Quaternária do Guaporé. Coberturas dobradas do Proterozóico com granitóides aglomerados. Grupo Aguapeí. Complexos metamórficos arqueanos ou pré-cambrianos indiferenciado, Complexo Basal. Faixa Móvel Rondoniana.

Bacia Hidrográfica - Grande Bacia do Amazonas. Para esta bacia contribuem as do Guaporé e do Juruena. O município guarda o ponto de estrangulamento oeste do maior divisor de águas da América Latina. O divisor ruma para o leste, alcançando o estrangulamento na região do paralelo 14° 30' latitude sul e meridiano 55° oeste Gr. A seguir o divisor toma o rumo SE até encontrar o estrangulamento extremo leste na região do paralelo 18° sul e o meridiano 51° oeste Gr.

Clima - Tropical quente e sub-úmido com 4 meses de seca, de junho a setembro. Precipitação anual de 1.500 mm, com intensidade máxima de chuvas em dezembro, janeiro e fevereiro. Temperatura média 24° C, maior 38° C,e menor 0° C.

Principais Atividades Econômicas - Extrativismo vegetal e mineral. Aumentam

gradativamente as áreas destinadas à pecuária e culturas perenes. As culturas de subsistência são praticadas por pequenos agricultores da região, onde se produz arroz, feijão e milho.

ADMINISTRAÇÃO ATUAL

Prefeito Municipal - **DÉCIO CIPRIANO MANIÇOBA** (PFL)
1ª Dama - Maria Janete Maniçoba
Vice-Prefeito - João Bento Neto (PTB)

ADMINISTRAÇÕES ANTERIORES

Gercino Rodrigues de Souza (nomeado)	Posse: 01.01.1981
Dionir de Freitas Queiroz	Posse: 01.02.1983
Dauri Alves Marino	Posse: 01.01.1989
Dionir de Freitas Queiroz	Posse: 01.01.1993

VEREADORES DA ATUAL LEGISLATURA

Rosilene Rodrigues Malheiros, Geraldo Martins da Silva, Walmir Guze, Dirceu Fidélis de Souza (eleitos pela coligação PPB/PTB/PL), Domingos Rodrigues de Souza (PMDB), José Bernardo Filho (PSC), Sebastião Aparecido Gomes da Silva (PDT/PT/PMN), Gabriel Bibiano da Silva Riquelme (PDT/PT/PMN) e Edivalter Pedrosa (PMDB).

Suplentes: Filogonio Ferreira da Silva (PPB/PTB/PL), Francisco Martins de Souza Filho (PPB/PTB/PL), Manoel Honorato Rodrigues (PDT/PT/PMN), Yolanda de Góes e Silva (PMDB). Fonte: TRE/MT.

Porto Alegre do Norte

Histórico- A região foi imemorialmente habitada por povos indígenas da nação *tapirapé*.

A história da colonização, recente, da gente de Porto Alegre do Norte, inicia-se no final da década de 1940. No ano de 1949 chegaram à região José Domiciano, Dionel e José Barula, vaqueiros de Lúcio Pereira da Luz, pioneiro da região.

Este grupo de homens, afeitos à rudeza da mata, subiu o Rio Tapirapé e se instalou nos varjões ao longo do rio, no lugar que mais tarde seria denominado Cedrolândia.

Nos anos que se seguiram, novos peões da fazenda de Lúcio Pereira da Luz foram chegando, e aos poucos, a eles se juntaram migrantes de outras paragens. Os do nordeste vieram em maior número, sem contar os goianos.

Em 1951-1952, chegaram Domingão, Jacobinho, Cícero, Laranjinha, Pedro Nonato e três anos após foi a vêz de João Manoel, Urbano e Feliciano.

O crescimento foi pequeno e aos poucos os habitantes foram se fixando nas margens do rio. Data de 1966 a primeira concentração urbana, então denominada Beira Rio. Os

ANEXO 05

ADMINISTRAÇÃO ATUAL

Prefeita Municipal - **IZANI LUÍZA KONERAT** (PMN)
Vice-Prefeito - João Oraci Bianchini Moro (PDT)

ADMINISTRAÇÕES ANTERIORES

José Lima Cavalcanti	Posse: 01.01.1987
João Oraci Bianchini Moro	Posse: 01.01.1989
Dorlei Rodrigues de Freitas	Posse: 01.01.1993

VEREADORES DA ATUAL LEGISLATURA

Egídio José Wolfart (PDT/PMN), Josefina Fioreze Bertol (PDT/PMN), Gilmar Luíz Moro (PDT/PMN), Selia Terezinha Neis Valendolf (PFL), Benício Boeing (PSDB), Leôncio Batisti (PSDB) e Adair Leo Dall Agnol (PFL).

Suplentes: Mário Januário de Figueiredo (PDT/PMN) e Luíz Aparecido Balduíno de Amorim (PFL). Fonte: TRE/MT.

Vila Bela da Santíssima Trindade

Histórico- O município de Vila Bela da Santíssima Trindade foi desmembrado de Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, grafando-se então Villa Bella da Santíssima Trindade. Anos depois teve a denominação alterada para Matto Grosso, voltando à grafia anterior após muito tempo.

Povos indígenas eram os primeiros habitantes da região do território do município. Nas cercanias de Vila Bela viviam os povos denominado pelos paulistas de *cabixi*. Na verdade se tratava de um povo mais tarde denominado *nambikwára*. Esse povo apresenta inúmeros grupos: *sabanê*, *mamaidê*, *alãtesú*, *mãdúka*, *haháitesú*, *nagarotê*, *waykisú*, *wasúsu*, *kithaulú*, *kitalawlú*, *alotesú*.

A nordeste da sede municipal encontrava-se o povo indígena *paresí*.

A região hoje pertencente ao Estado de Rondônia abrigava povos indígenas da lingua tupi. Denise Maldi Meireles nomeia os povos dominantes de linguas *txapakúra* e *tupi*.

A região era nativa também do povo boróro, denominado pelos paulistas de Indios Cabaçais. Esse mesmo povo é conhecido por *umutína*, comumente denominado *barbado*, por exibirem alguns fiapos de barba na face. Provavelmente esse povo migrou da Bolívia para o território mato-grossense.

Já no tempo da história escrita a região foi percorrida por aventureiros espanhóis.

Provavelmente Domingos Martines de Irala cortou a região de Vila Bela por volta de 1547, pois dirigia uma expedição de reconhecimento do Rio Paraguai. Ao atingir a barra do Rio Cuiabá, infletiu para oeste, em busca do Peru. Não sendo recebido pelo governador Pedro de la Guasca, Irala voltou às bases de Assunção, no Paraguai. Nuflo Chaves retomou

a exploração do Rio Paraguai. Recebera ordem de alcançar as cabeceiras deste rio. Mas ao chegar às cabeceiras do Rio Jauru, abandonou o projeto e rumou para oeste, em busca do Peru, muito provavelmente passando pela região de Vila Bela.

O governador da Capitania do Pará, João Maia da Gama, recebeu informação de que no alto curso do Rio Madeira havia brancos. As informações não podiam precisar se tratava-se de espanhóis ou portugueses. Então o governador, em 1723, determinou a organização de uma expedição oficial, comandada por Francisco de Melo Palheta, com o objetivo de reconhecer o Rio Madeira.

Melo Palheta, ao atingir o Rio Mamoré, a 6 de agosto de 1723, encontrou a Missão de Exaltación de la Cruz de los Cajubabas. Ali conheceu também os índios do povo *moré*. Avizinhou-se também da Missão de San Miguel. Palpava a vida organizada de povos da região de Santa Cruz de la Sierra.

Palheta levou ao governador do Pará a informação de que a margem esquerda do Rio Guaporé era habitada por espanhóis que tinham Missões florescentes e que a (pretensa) fronteira portuguesa do Guaporé vinha a ser um vazio.

Dez anos depois, a 27 de outubro de 1733, um Alvará Régio português proibia a navegação pelo Rio Madeira. Era uma forma dos portugueses se prevenirem oficialmente contra melindres dos espanhóis. Portugal não queria despertar o ódio da grande Missão do povo mojo.

O Rio Madeira permaneceria oficialmente interditado aos portugueses. Mas apenas oficialmente, pois expedições percorriam este rio, até mesmo em viagens de reconhecimento.

A chegada de Melo Palheta nas Missões espanholas despertou nos castelhanos o zêlo pela defesa. Viram na chegada do estadista português uma ameaça. era necessário prevenir o avanço português. Melo Palheta dissera expressamente que não subissem o Guaporé:

"Propôs o nosso cabo a estes publicamente, recomendado e requerendo na parte do nosso excelentíssimo general, e em virtude do tratado feito entre nossos reis e pela conservação dos povos, que lhe assinalava de hoje em diante não passarem para baixo da boca dos rios Mamoré e Itenis, nem entrarem daí para baixo gentilidade alguma, por estes pertencerem ao sereníssimo senhor nosso rei de Portugal (...)."

Os espanhóis tomaram providências, esperando investidas portuguesas. Em outubro de 1724, os índios de Mojos obtiveram licença especial de usar armas, através de uma concessão especial do marquês de Castelfurte.

Mas as investidas portuguesas não teriam por base Belém do Pará e sim Cuiabá.

A diminuição da produção aurífera cuiabana, a partir de 1724, deu ocasião a que mineradores abandonassem grupiaras e monchões de Cuiabá em busca de índios na região oeste. Os preadores de índios não perguntavam a quem pertenciam as terras das bandas oeste. Queriam continuar a preia de índios iniciada por Manoel de Campos Bicudo, queriam aprisionar o povo paresí e reduzi-los a Cuiabá. Mas prestavam muita atenção em que chão pisavam, pois poderia render ouro.

Um desses aventureiros, após alcançar uma grande planície, encontrou, efetivamente, ouro. O local tomou o nome de São Francisco Xavier, sendo que em honra a este santo logo se levantou uma capela no lugar.

Quem pôs o nome ao Rio Sararé foi Antonio Fernandes de Abreu.

A povoação que logo se formou encontrava-se no alto de uma serra a que chamaram Chapada. Casas de pau-a-pique cobertas de capim foram se encostando uma perto da outra. Somente a igreja era telhada.

O clima destemperado oscilava entre o extremo calor e as friagens repentinas. O clima desigual era muito comentado. O arraial de São Francisco Xavier floresceu por alguns anos. Os moradores edificaram outras igrejas que nos dias santos revestiam de seda. Chegaram a construir uma cadeia.

Em 1736, ali viviam mais de 500 pessoas. O ouro chegava a ser tão abundante, que, não raro, um escravo apanhava três ou quatro oitavas por dia.

Entretanto, como acontecia sempre em região de garimpo, toda a força do trabalho se concentrava na extração de ouro e nenhuma providência se tomava para garantir o abastecimento mínimo. A alimentação saía da natureza bruta. Caçava-se e comia-se veados e animais do campo, assim como as frutas silvestres, dentre as quais a mangaba. Passados os primeiros tempos de euforia do garimpo, muitos faiscadores morreram, pasmem, de fome. Antonio Fernandes de Abreu, que encontrara e batizara o Sararé, morreu de lepra.

Partindo-se de São Francisco Xavier, avançando-se para além da margem direita do Rio Sararé, foram aparecendo novas lavras. Estabeleceram-se garimpos, assim como em alguns casos, fazendas. A esperança de encontrar mais ouro levava os moradores a construírem mais capelas.

Porém, ninguém se enriquecia apesar da quantidade de ouro, porque as despesas de cozinha e do comum da vida empatavam com o valor do vil metal.

As grandes chapadas a oeste de Cuiabá sempre eram imaginadas como terras do povo paresí. Em busca de índios desse povo, em 1731, os irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros se botaram a caminho do oeste.

Andando para muito além do Rio Sararé, encontraram a foz do Rio Galera e, mais uma vez deram com ouro. A descoberta de ouro no Sararé e no Galera abria o caminho para a ocupação efetiva da margem direita do Rio Guaporé.

Devido à espessa mataria de sete léguas do lugar, denominaram a região de Mato Grosso, origem da denominação da futura Capitania, depois Província e mais tarde, Estado de Mato Grosso.

Em 1737, aventureiros paulistas fundaram o Arraial de Pouso Alegre, que viria a ser, anos depois Vila Bela da Santíssima Trindade.

Os arraiais foram pontilhando na região. Entre o Guaporé e o Sararé encontravam-se São Francisco Xavier, Pilar, Sant'Ana, Ouro Fino.

Em direção a Cuiabá notavam-se Lavrinhas e Santa Bárbara.

Os viajantes vindos de Cuiabá, desciam os rios Cuiabá e São Lourenço, subiam os rios Paraguai e Jauru e, deste, praticavam uma *varação* por terra, até alcançar o Guaporé.

A confluência do Rio Jauru com o Paraguai desenhava-se como um ponto de excepcional importância para as pretensões paulistas: ponto de importância decisiva para a conquista do extremo oeste. Portugal conseguiria assegurar, no primeiro tratado de limites com a Espanha esse ponto, em 1750, o Tratado de Madri.

Em 1738, os garimpeiros cuiabanos encontraram ouro em mais dois afluentes do Rio Guaporé: os rios Alegre e Corumbiara.

Na verdade, o fito principal dos cuiabanos era a preia de índios - dito pacíficos. Por serem mansos eram vítimas de procura seletiva, os paresí e nambikwára. A preia de índios era sempre procurada, porque a virtude do ouro acabava cedo. Catava-se apenas o ouro mais à mão, não sendo procurada a extração por desmonte profundo.

O arraial de São Francisco Xavier teve vida curta, pois em 1742, já dava mostras de decadência irreversível.

Mesmo assim, o governo português se aproveitaria da vida iniciada na região das minas do extremo oeste, para estabelecer a vida organizada, com fitos no estabelecimento de pontos fixos no mapa, assegurando, assim, a ocupação efetiva, dilatando o reino cada vez mais para oeste. Assim, um Alvará Régio criava, em 1743, o Distirto de São Francisco Xavier.

Confrontavam-se, assim, vivamente, a vida fugaz dos dias de alta produção de ouro e a vontade política de Portugal de assegurar a posse das terras conquistadas aos espanhóis.

Em dezembro de 1741, Antonio Almeida Morais desceu o Rio Guaporé à procura de ouro e de índios. No ano seguinte, Manuel Félix de Lima, português, encontrava-se seriamente endividado. Sabia que na região do Rio Guaporé havia Missões espanholas. Resolveu tentar a riqueza com o comércio nas cercanias. Reuniu-se com outros portugueses também endividados e fugindo de credores, decidiram descer juntos o Rio Guaporé. Alguns credores ainda tentaram impedir a saída dos portugueses, mas foi inútil.

Em abril de 1742, partiram Manuel Félix de Lima, Joaquim Ferreira Chaves, Vicente Pereira Assunção, Manuel de Freitas Machado - portugueses - mais os paulistas Tristão da Cunha Gago, João de Borba Gato, Mateus Corrêa Leme, Francisco Leme do Prado, Francisco Borges de Miranda, Dionízio Bicudo e mais o pescador João dos Santos Verneque.

Desceram o Guaporé durante dez dias e encontraram vestígios de ocupação humana. Acamparam. Um grupo explorou a mata, encontrando Antonio Almeida Morais, que descera o rio no ano precedente. Encontrara um velho índio, que informara haverem índios selvagens rio abaixo.

Diante da perspectiva com índios bravios e selvagens, o grupo se dividiu. Tristão da Cunha Gago, Borba Gato e mais 14 pessoas juntaram-se a Antonio Almeida Morais e voltaram aos garimpos.

Manuel Félix de Lima seguiu viagem com os outros. Não demoraram a encontrar índios. Mas em vez dos índios hostilizarem Félix de Lima, foram ao seu encontro. Trocaram presentes. Eram índios do povo *moré*. Deram sinais inequívocos que conheciam brancos.

A partir desse primeiro encontro, avistavam, com certa regularidade, pela margem direita, habitações e canoas.

Um certo grupo de índios se aproximou dos expedicionários com intenções hostis. Félix de Lima acenou com presentes. Prosseguiu viagem. Não passava um só dia sem que vissem vestígios indígenas. Sabiam que estavam sendo vigiados.

Certa tarde, descobriram uma pequena cruz cravada num pedaço de pau. Investigaram os arredores: encontraram um pedaço de pano de algodão preto, parte de uma camisa. Pela manhã seguinte, viram uma canoa cheia de índios vestidos e com rosários com cruzes ao pescoço. Pela primeira vez ouviram dos índios as palavras "San Miguel". Félix adivinhou estar perto de uma Missão. Distribuiu presentes, recebendo, por sua vez, bolos de milho.

Um índio se prestou a servir de guia para a Missão. Atingiram a barra do Rio Baures e chegaram a San Miguel.

Félix de Lima foi conhecendo a riqueza da Missão e procurou negociar, mas infrutiferamente, pois o superior da Missão se mostrou fechado a toda e qualquer troca. Uma parte do grupo de Félix de Lima voltou aos garimpos e depois seguiu a Cuiabá, dando informação oficial da existência de Missões espanholas na margem esquerda do Guaporé.

Félix de Lima com outros companheiros desceu os rios, em busca de Belém do Pará. Embora não fosse o primeiro navegador do Rio Madeira, Manuel Félix demonstrou, na prática, a possibilidade de comunicação entre o Pará e Mato Grosso.

O governador do Pará enviou Félix de Lima a Portugal. Logo que aportou em Lisboa foi preso. Respondeu a inúmeros inquéritos e falou sobre as descobertas da viagem e deu sugestões para uma política de ocupação e requereu para si o posto de guarda-mór dos territórios encontrados. A Corôa de Portugal julgou a proposta de Félix de Lima agressiva à Espanha, a partir daí o navegador do Guaporé se viu reduzido à miséria.

Antonio Almeida de Moraes, Borba Gato e outros companheiros de Félix de Lima assaltaram povos indígenas da região do Guaporé. Antonio Almeida de Moraes foi o primeiro a manter contato com o povo *tupi guajarata*, do médio curso do Guaporé. Como os índios não se submeteram, foram arrazados.

Os missionários espanhóis, por sua parte, já tinham estabelecido ao menos 20 unidades de Missões, todas autônomas e auto-suficientes. O governo de Santa Cruz de la Sierra, vendo a chegada de portugueses, decidiu ocupar a margem direita do Rio Guaporé, como medida de defesa. Emergia o braço secular das Missões, transformando os missionários em defensores do povo mojo.

Já em janeiro de 1743, o padre Athanasio Theodoro iniciou os trabalhos em frente à foz do Rio São Miguel, onde os índios do povo *moré* começaram uma plantação de roça. As formigas devoraram a plantação toda. Mudaram-se, então para local próximo da foz do Rio São Domingos, não muito distante do Rio Baures.

Os jesuítas implantaram mais duas Missões na margem direita do Rio Guaporé.

Os portugueses precisavam conhecer e muito bem o poder bélico das Missões espanholas. Para se certificarem das reais condições de eventual guerra, foram enviadas, em março de 1743, duas expedições de reconhecimento. Uma foi comandada por Francisco Leme do Prado e outra por José Barbosa de Sá, enviadas pela Ouvidoria de Cuiabá.

Os expedicionários viram um poderio organizado militar, mas sem as práticas de guerra. Por sua vez os jesuítas espanhóis perguntaram aos expedicionários cuiabanos como se encontrava organizada a margem direita do Rio Guaporé.

Na volta à Cuiabá, disseram que a situação era favorável aos espanhóis, se bem que índios armados eram poucos e mal adestrados. Entretanto, a quantidade de índios superava de muito os poucos habitantes da Chapada, pois a margem direita do Guaporé se encontrava precariamente habitada por garimpeiros instáveis, o Arraial de São Francisco Xavier não tinha nenhuma expressão e a agricultura era praticamente nula. Os habitantes dependiam de gêneros importados e se ocupavam em faiscar ouro e prear índios.

Enquanto os espanhóis apressavam-se para efetivar a posse da terra à margem direita do Rio Guaporé, cidadãos portugueses íam ocupando a mesma região, procurando fugir ou

se ocultar de credores. Eram pessoas falidas, já sem qualquer ilusão de encontrar ouro. Viam no aprisionamento de índios um negócio altamente lucrativo.

Na chamada Ilha Grande ou Ilha Comprida, situada em frente à foz do Rio Mequens, em 1746, estabeleceram-se doze preadores de índios, com mulheres, filhos e escravos, totalizando nove casas. As suas primeiras investidas foram contra os índios do povo denominado *mequém*.

Mas a tarefa de prear índios na floresta não era fácil. Passaram à tentativa de capturar índios nas Missões - espelhando-se em Raposo Tavares e suas aventuras paranaenses - Procuravam o Rio Baures.

É preciso esclarecer a diferença entre a maneira oficial de Portugal lidar com as questões fronteiriças e as estocadas dos homens comuns. Os estadistas queriam os índios como aliados, tentando torná-los vassalos da Côrte. O homem comum, no entanto, era quem, efetivamente, ampliava as fronteiras lusitanas.

Os propósitos portugueses oficiais eram a dilatação das fronteiras e o estabelecimento definitivo delas o mais possivel para oeste. Assim estabeleceu uma "Villa" e mais uma Capitania.

Por Alvará de 8 de maio de 1746, criava-se o município.

Na sessão de 29 de janeiro de 1748, o Conselho Ultramarino apresentou ao rei de Portugal as razões para a fundação de uma Capitania. Dom João V tardou em homologar o parecer do Conselho Ultramarino, mas criou a Capitania, confiando o governo a Gomes Freire de Andrada, Governador e Capitão General da Capitania do Rio de Janeiro, até que se nomeasse governador próprio.

O sítio exato da sede da nova Capitania seria objeto de escolha do novo governador: Dom Antonio Rolim de Moura Tavares. O diploma ocorreu a 25 de setembro de 1748, mas apenas a 17 de janeiro de 1751 empossou-se no cargo.

A rainha de Portugal entregava ao futuro governador instruções específicas. Ali se depara com a importância dada à sede da Capitania:

" 1° - Suposto entre os distritos de que se compõe aquela Capitania Geral, seja o de Cuiabá o que se ache mais povoado, contudo atendendo a que no Mato Grosso se requer a maior vigilância por causa da vizinhança que tem, houve por bem determinar, que a cabeça do governador se pusesse no mesmo distrito de Mato Grosso; no qual fareis a vossa mais costumada residência...

2° - Por se ter entendido que Mato Grosso é a chave e o propugnáculo do Brasil pela parte do Peru, e quanto é importante por esta causa que naquele distrito se faça população numerosa, e haja forças bastantes a conservar os confinantes em respeito, ordenei se fundasse naquela paragem uma vila, e concedi diversos privilégios e isenções para convidar a gente que ali quisesse ir estabelecer-se, e que para decência do governo e pronta execução das ordens se levantasse uma companhia de dragões e ultimamente determinei se erigisse juíz de fora no mesmo distrito...

3° - Pelo que toca à fundação da vila é factível que, sem mais atenção que ao lugar mais frequentado, a tenham posto no arraial de São Francisco Xavier, qual consta ser muito doentio.

E como nenhuma sorte convém que a residência principal do governador tenha um

defeito tão essencial, vos recomendo que, examinando os sítios daquele distrito, onde bem possa colocar-se a vila, escolhais o mais próprio para a sua estabilidade, e o mais cômodo pelas suas circunstâncias, atendendo a que o lugar seja defensável, e quanto possível vizinho ao Rio Guaporé, ou a algum outro navegável que nele desague para lograr a comodidades da navegação e da pesca.

E ainda que a vila se ache fundada no dito arraial, ou em outra parte menos cômoda, deixo para vossa eleição mudá-la para o sítio, que for mais a propósito".

Após uma vistoria pelos lugares, Rolim de Moura escolheu o sítio onde antigamente se erigira o arraial de Pouso Alegre, e a 19 de março de 1752 estabeleceu a sede municipal e da Capitania de Mato Grosso, agora sob a denominação de Villa Bella da Santíssima Trindade.

A cerimônia aconteceu "...em uma casa que se armou em toldos, no lugar da praça". Ali se deu a instalação da sede municipal e da Capitania e tomaram posse as primeiras autoridades municipais.

No têrmo de instalação relacionavam-se as seguintes pessoas presentes:

"...o guarda-mór Francisco Xavier Júlio, o reverendo vigário Fernando Machado de Souza e Abreu, Francisco de Sales Xavier, João Pereira da Cruz, o sargento-mór Lourenço Soares de Brito, Pedro Vaz Justiniano, Manoel Dias Penteado, Antonio da Silveira Fagundes Borges, Antonio Ferreira, João Nunes de Mello, João Raposo da Fonseca Góis, Manoel Vieira Benevides, Antonio Pacheco de Moraes, Bento de Souza Machado e Abreu, Antonio de Abreu Bacelar, Sebastião Pinheiro de Almeida, Pedro Diogo da Mota, o licenciado Francisco Rodrigues da Costa, José de Oliveira Pedroso, Inácio Leme da Silva, Calistro de Souza Rego, Caetano Gil de Ataíde, Luís da Costa Silva, Antonio Botelho da Fonseca, Manoel Bento Pereira, Bento Dias Paes, Félix Martins Claro, Antonio Leite de Almeida, Francisco Caetano Borges, Pedro Rodrigues Lima, João Gomes Santiago, José Ferreira de Matos, André de Souza de Almeida, Rodrigo Francisco, o licenciado João Metelo de Matos, Manoel Antonio Machado, Silvestre de Castro, João da Borba Gato, os quais assinaram com o Ilustríssimo e Excelentíssimo Capitão-General, o Doutor Juíz de Fora e o Secretário deste Governo, e eu Inácio Pereira Leão, Tabelião Público Judicial e de Notas, escrevi - Dom Antonio Rolim de Moura - Teotônio da Silva Gusmão - Bartolomeu Descalça Barros".

O desenvolvimento da sede municipal e do governo da Capitania mereceu cuidados do governador. Quem fixasse residência ali gozava de favores especiais, verdadeiros chamarizes.

A 22 de março de 1752, esses favores eram levados ao conhecimeto do povo em geral da Capitania por meio de divulgação ou bando, por ordem do governador, que morava em Vila Bela.

Dom Rolim de Moura mandou, a 15 de abril de 1752, iniciar a construção da residência dos governadores. Tão vastas proporções tinha o prédio, que várias vezes foi interrrompido, uma vez que os recursos locais não podiam atender às exigências da obra. A primeira dessas interrupções deu-se em 1754, quando o grande edifício já estava com cinco compartimentos inteiramente construídos, dois deles ocupados pelo próprio governador e os três restantes, pelos oficiais da Câmara que ali funcionavam.

A notícia ecoou em terras paulistas, atraindo trabalhadores livres para a beira do Rio Guaporé.

Chegaram artífices, ferreiros e oficiais. Mas quem construiu canga sobre canga, taipa

sobre taipa, telha sobre telha, foram os negros livres, os chamados negros do povo, escravos de aluguel.

O plano da "Villa" foi montado em Portugal e os projetos das casas, no Rio de Janeiro. Mas o governador foi obrigado a adaptar os projetos às condições do lugar. As casas residenciais foram simplificadas no que dizia respeito a sobrados, os alicerces foram reforçados, as paredes alargadas. Além disso, sucederam-se as construções de pau-a-pique e cobertura de capim. Apenas se exigiu que as casas obedecessem aos traçados das ruas com 70 palmos de largura e ao alinhamento no limite fronteiro dos terrenos.

Parte do material vinha de locais distantes, com transporte difícil, caro, demorado. A pedra canga para os alicerces do palácio, dos quartéis, das casas, da igreja e dos baldrames do porto vinham de longe. A cal provinha de Cuiabá e do Pará. As telhas chegaram de fora.

As obras foram interrompidas por falta de ouro na Provedoria, por epidemias gerais, por demora de chegada de materiais transportados de longe, por falta de mão-de-obra, por dificuldades de abastecimento. No entanto, no fim de 1752, a Villa contava com 16 moradas entre construídas e em fase de acabamento.

A população das minas de Mato Grosso, assim de Cuiabá, era instável. Como em qualquer garimpo da época quando se catava o ouro mais à vista, com instrumentos grosseiros. Metade do ouro apenas era colhido, enquanto a outra metade pemanecia escondido na canga, na piçarra, na pedra cristal.

Além da produção de ouro, Vila Bela vivia a luta pelo alargamento da fronteira entre Portugal e Espanha; vivia os movimentos contraditórios de facilidades para as construções e de voracidade do fisco português.

À instabilidade da produção do ouro acrescentava-se a instabilidade do comércio dependente de gêneros provindos de longe, pois nem sempre os vilabelenses podiam contar com a produção agrária. No fundo, o ambiente de guerra, pois os povos indígenas resistiam à invasão dos territórios tribais.

Por fim, reinava a instabilidade dos institutos jurídicos. Os direitos e o dever, ao receberem a instrumentalização normativa, eram livremente redefinidos para controles locais de interesses conflitantes. o complexo legislativo colonial era reinterpretado de modo a garantir antes de mais nada a construção da Villa.

Não se tratava de insubordinação ou resistência às normas portuguesas. Eram as mesmas normas interpretadas pelo espírito de conquista de Portugal. Tratava-se de estabelecer no local as condições político-administrativas gerais. O governo de Portugal sabia e muito bem o que estava acontecendo, na exceção, como o relaxamento dos controles fiscais até a dispensa de meia captação dos quintos, perdão dos dízimos, isenção de entradas, de donativos, da terça parte dos ofícios de justiça.

Funcionava um estado de violação consentida às leis.

Para atrair povoadores, toda sorte de crimes foram perdoados, tolerados, ignorados; todas as condenações foram obliteradas. Vila Bela representava a oportunidade de uma recuperação de nível social perdido. Antigamente o homem da sociedade era denominado "homem bom". Pois os endividados, os criminosos, os condenados, os marginalizados em qualquer parte da Colônia, ao chegar à "Villa" tornavam-se "homens bons".

A condição para se alcançar esta glória era viver três anos na Vila, nos casos comuns.

Se a pessoa estivesse incurso em pena de degredo ou de morte cível, exigia-se que vivesse no lugar por mais tempo.

A fraude à captação aurífera era facilitada pelas dificuldades da fiscalização. O desvio do ouro era praticado diretamente das minas ou nos carregamentos, que saíam para Cuiabá ou Pará.

Os garimpos de maior capacidade, como São Vicente e Pilar prosseguiram até a segunda metade do século XIX, mas com a capacidade diminuída. Sant'Ana, São Francisco Xavier, Ouro Fino e Lavrinha, passado o primeiro impulso, foram se esgotando cedo. Gengibre, Membeca, Monjolo, Santa Bárbara, Corumbiara ou Guarajus tiveram duração efêmera. Lavras de pequeno porte se espalhavam pela região entre a Chapada e o Rio Sararé; entre o Guaporé e o Jauru; entre os riachos Sudaiatuba e Moleques, na passagem geral de Mato Grosso à Cuiabá, nas proximidades do Guaporé. A região do Rio Alegre produziu maior cota de ouro.

As roças nunca chegaram a produzir excedente e comumente eram insuficientes para atender à demanda dos garimpos. As roças plantadas às beiras dos rios Guaporé, Alegre, Sararé, Galera e Barbado sofriam com as enchentes, perdendo-se, por vezes, toda a safra. Pragas, insetos e bichos predadores dizimavam as produções. Como consequência, a fome e a doença medravam na população.

A região era tristemente conhecida como doentia, mesmo antes da fundação do município. Essa reputação consolidou-se historicamente, ensejou explicações esteriotipadas de saída de brancos para outros lugares e permanência de negros. No modo de entender dos brancos, os negros sempre foram destacados pela força e pela resistência. Dizia-se que a "raça branca" era superior e não podia se compatibilizar com o ambiente físico doentio de Vila Bela. Êrro grosseiro.

Além da malária, que atacava a todos, também a friagem trazia como consequência febre catarral, a pneumonia, a pleurizia. E sobrevinha a corrução ou maculo. Nem faltavam as desinterias. O bócio era frequente na região das chapadas. Inúmeras foram as epidemias de bexiga nas minas de Mato Grosso. O sarampo sempre estava presente. Verminoses flagelavam a população em geral.

A notícia da insalubridade de Vila Bela se espalhou, chegando à Portugal.

No cenário adverso, os brancos se valiam dos costumes e conhecimentos dos índios e dos negros. Não aconteceu a interpenetração cultural, pois os brancos se mantiveram altivos na ideologia do poder, aproveitando-se das soluções dos índios e dos negros.

Os negros foram assumindo, aos poucos, o papel de relevância na dinâmica cultural da região. Os negros se associavam facilmente aos índios e influíam na mudança de práticas culturais brancas, produzindo mesmo práticas novas, tanto por indução de práticas próprias como de indígenas. O domínio do conhecimento da flora medicinal e manipulação no tratamento de doenças foi a salvação dos brancos. Provinha do conhecimento do negro e do índio.

Os escravos morriam precocemente em todas as áreas de mineração do Brasil. Em Mato Grosso a vida do escravo era massacrada e bem curta. Raros escravos chegavam aos trinta anos. Aos quarenta, os escravos de Mato Grosso se encontravam arruinados ou semimortos, inválidos, doentes e esfomeados.

Mas outra realidade iria pesar na vida da região de Vila Bela: os conflitos armados e o estado de guerra entre Portugal e Espanha na região da fronteira vilabelense.

As fontes oficiais não cobriam as despesas de pagamento de tropa, do municiamento, da alimentação da força. Os moradores de Vila Bela, como de toda a Capitania, eram chamados a arcar com as despesas. Os encargos de uma contribuição atingiam a arrecadação de ouro e o alistamento de homens para a guerra. Era necessário também levar índios e negros para o teatro de guerra.

A luta fronteiriça produzia uma grande insegurança social, pois a população temia ataques dos espanhóis e a consequente devastação da região.

A tensão do estado de guerra durou desde a instalação da Capitania até o fim do tempo colonial. O aparelhamento militar da fronteira foi executado de forma permanente. Os cargos de comando eram confiados aos oficiais do reino e aos homens abastados da região lindeira. O homem comum era recrutado para ocupar os cargos mais baixos, enfrentando o atraso de soldo, deficiência de alimentação e falta de munição.

Tudo parecia encaminhar-se para uma estabilização de fronteiras, quando, em 1806, Napoleão Bonaparte decretou o bloqueio continental contra a Inglaterra e Portugal. A Espanha passara para o lado francês. Nova crise se desenhava na fronteira vilabelense. No entanto, absorvidos pelos problemas internos, tanto os portugueses, quanto os espanhóis da fronteira abandonaram temporariamente as lutas oficiais.

O colono foi quem assumiu o maior peso da obrigação de conquistar terras à Espanha, assim de assegurá-las. O homem comum não tinha acesso às regalias de honrarias e postos de relevo. O atraso de pagamento ao funcionalismo público chegou a durar anos, provocando manifestações de rebeldia.

Mas Vila Bela da Santíssima Trindade estabilizava as fronteiras.

No tempo do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 1820, o peso político de Cuiabá atraía para si a sede da Capitania. Um Alvará Régio transladava a capital da Capitania para Cuiabá e Vila Bela recebia título de cidade, sob a denominação de Matto Grosso.

Entretanto, com os movimentos da Independência do Brasil a medida tardou a se concretizar, dando até ocasião de se propor a mudança da capital para a cidade de Alto Paraguay Diamantino (Diamantino).

A Lei nº 19, de 28 de agosto de 1835, encerrou definitivamente a questão da capital, sediando-a em Cuiabá. Tratava-se de um processo irreversível a perda da capital em Vila Bela da Santíssima Trindade, porquanto esta "Villa" declinava após o governo de Luíz de Albuquerque.

Matto Grosso, a cidade, passou às ruínas. O descaso para com a antiga sede governamental ocorreu no clima de fortes lutas pelo poder cuiabano, nos tempos de luta entre brasileiros e portugueses, onde se deu o fenômeno da Sedição de Mato Grosso, ou *rusga*.

Matto Grosso passou a ser considerado município de fronteira, como outro qualquer, sem o merecimento devido.

Em 1850, Matto Grosso recebeu formalmente território pela Lei nº 12, de 28 de junho. A lei tinha um cunho clerical, mas com valor civil. Matto Grosso herdava o maior território depois de Cuiabá, pois abarcava o que hoje são os municípios do Estado de Rondônia, Pontes e Lacerda, Comodoro e cercanias.

Juridicamente assenhorou-se de Aripuanã, quando foi criado o Território do Guaporé, pois Rio Madeira, que pertencia à Matto Grosso e continha região de Aripuanã foi desmembrado do Estado de Mato Grosso.

A Lei Federal nº 5.449, de 04 de julho de 1968, tornou Matto Grosso município de Segurança Nacional. A Lei nº 4.014, de 29 de novembro de 1978, alterou a denominação de Matto Grosso para Vila Bela da Santíssima Trindade, voltando à denominação original.

Após longo período de desolação e ruínas, o progresso geral do Estado de Mato Grosso, tangido por programas de colonização e a criação da fronteira agrícola da Amazônia legal, em virtude de dispositivos federais, estabeleceram condições para um ressurgimento de Vila Bela da Santíssima Trindade.

O movimento moderno generalizado no Estado de Mato Grosso gerou também a diminuição do território vilabelense, com a criação de novos municípios. O novo movimento baseia-se na agricultura e pecuária. No entanto os monchões ainda são revirados à procura de minérios. Desta feita com equipamentos modernos, com maiores garantias de extrair da terra o ouro que movimentou toda a região, desde os tempos mais remotos de ocupação lindeira. Porém, o dano causado ao meio ambiente também é maior.

Dentre os diversos administradores municipais de Vila Bela, dentre os quais Intendentes e prefeitos, relacionaremos apenas alguns, de passagem recente pela chefia do executivo, no entanto, sem as respectivas datas de posse: "Manoel Domigos Júnior, Capitão João Nunes da Cunha (ambos nomeados), Paulo Bispo de Oliveira (1º eleito), depois vieram, também eleitos: Bruno Profeta da Cruz, Benedito da Costa Sales, Joaquim Profeta da Cruz, Orestes Ferreira Coelho e Íris Leite de Brito. Na sequência vieram os prefeitos nomeados pela Lei de Segurança Nacional: Constâncio Leite de Morais, Epitácio Lemes dos Santos, Joaquim Alves Cândido, Dionir de Freitas Queiroz e Tito Profeta da Cruz.

Posteriormente foi reeleito Íris Leite de Brito que governou até 31 de dezembro de 1988, entregando o cargo à Alfredo Alves Nepomuceno e por último foi prefeito o sr. Joel Pereira, que assumiu em 01 de janeiro de 1993.

Dados Gerais do Município

Dependência Genealógica - Vila Bela da Santíssima Trindade originou-se diretamente de Cuiabá.

Denominação dos Habitantes - Vilabelenses.

População - 10.430 habitantes (IBGE/96).

Eleitores - 6.506 (TRE/96).

Distritos - Sede, Aguapeí.

Limites - Porto Esperidião, Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, Comodoro e República da Bolívia.

Comarca - Pontes e Lacerda.

Altitude - 205 m.

Distância da Capital - 521 km.

Coordenadas - 15º 00' 28" latitude sul, 59º 57' 06" longitude oeste Gr.

Extensão Territorial - 12.179,43 km²

Localização Geográfica - Mesorregião 129, Microrregião 529 - Alto Guaporé. Sudoeste mato-grossense.

Relevo - Planalto Residual do Guaporé, Chapada Parecis.

Formação Geológica - Os testemunhos geológicos indicam a origem do município na Faixa Móvel Rondoniana, retrabalhada posteriormente, nas coberturas não dobradas do Proterozoico, com granitóides associados, nas coberturas não dobradas do Fanerozóico. Bacia Quaternária do Guaporé.

Bacia Hidrográfica - Grande Bacia Amazônica.

Clima - Tropical quente e sub-úmido, com 4 meses de seca, de junho a setembro. Precipitação anual de 1.500 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro. Temperatura média anual de 24° C, maior máxima 38° C, menor 0° C.

Principais Atividades Econômicas - Baseia-se na pecuária, com sistema de cria e recria. A agricultura de forma em geral desenvolve-se a contento, inclusive a de subsistência. O extrativismo mineral é parte significativa da economia regional.

ADMINISTRAÇÃO ATUAL

Prefeito Municipal - **MILTON OTANI NEPOMUCENO** (PPB)
1ª Dama - Marlene Rosa dos Santos
Vice-Prefeito - Delcindo Mendes da Fonseca (PTB)

VEREADORES DA ATUAL LEGISLATURA

José Cleber Tinerel (PMN), Everaldo Coelho de Brito (PFL), Milton Guilherme Miller (PTB), Clodoaldo Miranda da Cruz (PL), Dilson Ferreira Coelho (PMDB), Roberto Massayuki Chikani (PPB).

Suplentes: Clézio Aparecido Freires (PMN), Félix Rodrigues (PTB), Nazário Frazão de Almeida (PFL). Fonte: TRE/MT.

Vila Rica

Histórico- A sorte histórica do Rio Araguaia sempre foi o fator determinante para os povoadores de Vila Rica.

As praias e barrancos do Araguaia foram testemunhas de inúmeras incursões que foram realizadas à região em busca da célebre Minas dos Martírios, a partir do século XVIII.

O povo *tapirapé* que habitou imemorialmente a região foi remanejado para municípios vizinhos, para áreas indígenas especialmente reservadas.

Os tapirapé, desiludidos com a miscigenação cultural e racial, sem perspectivas de vida futura, iniciaram processo de auto-dizimação. O primeiro passo foi a eliminação de crianças recém-nascidas. No entanto, a pronta interferência de religiosas não permitiu que se concretizasse o desejo coletivo de auto-extinção. Ainda restam tapirapés.

No início de sua povoação, a localidade de Vila Rica recebeu forte fluxo migratório de